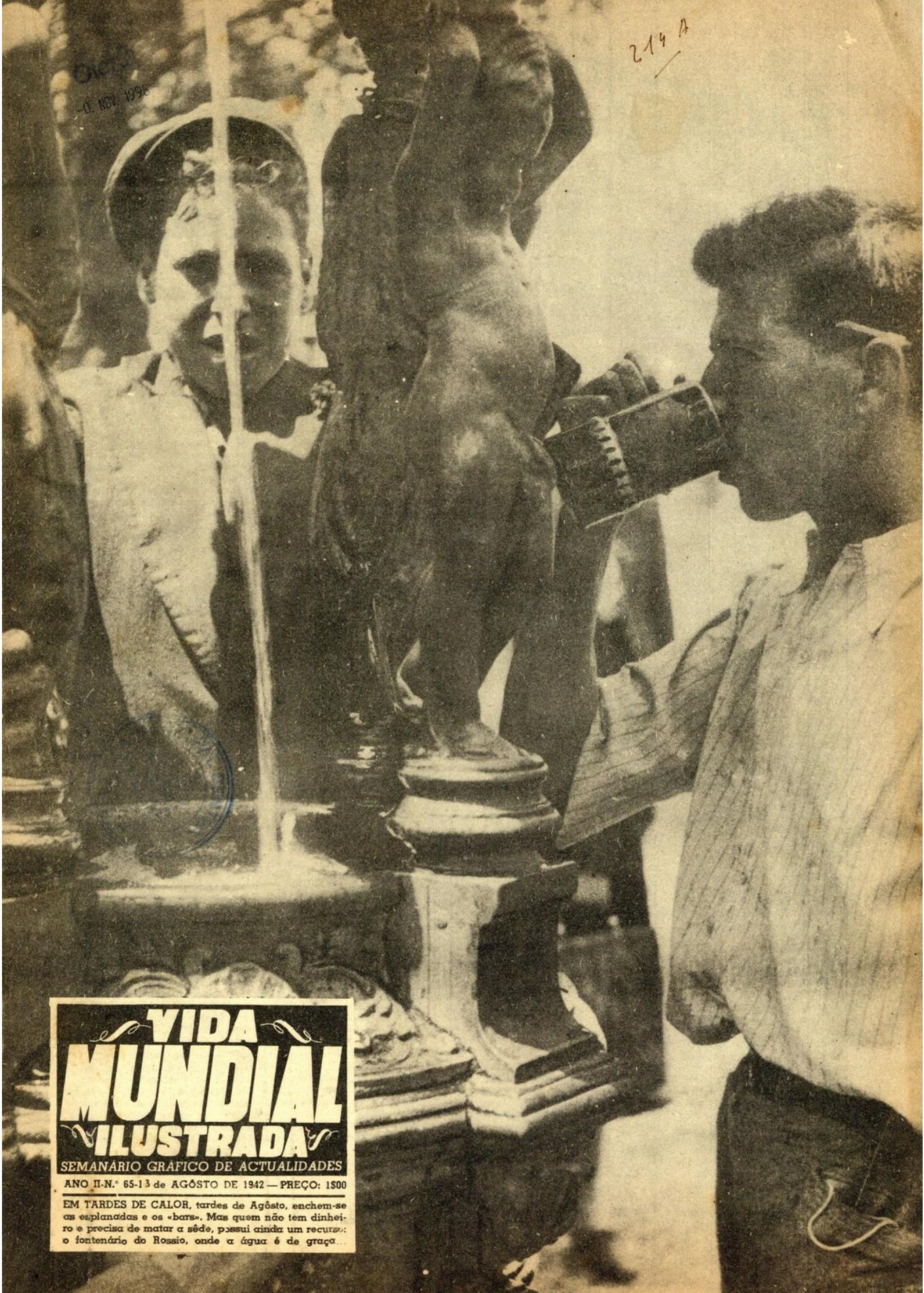


01
-0. NOV. 1998

219 A



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES
ANO II-N.º 65-13 de AGOSTO DE 1942 — PREÇO: 1\$00

EM TARDES DE CALOR, tardes de Agosto, enchem-se as esplanadas e os «bars». Mas quem não tem dinheiro e precisa de matar a sede, possui ainda um recurso: o fontanário do Rossio, onde a água é de graça...

Basil Zaharoff em Portugal

Revelações inéditas sobre o famoso fabricante de canhões

Uma reportagem de *Manuela de Azevedo*

COMO hei-de, então, descrever-lhes o ambiente e animar daquela verdade indispensável, o sabor desta entrevista? O meu entrevistado acaba de

me dizer:

—É preciso guardar a minha identidade, condição *sine qua non* autorizarei que publique a entrevista...

Ponho de parte exagêros de linguagem — quem poderia impedir-me? — e prometo ser discreta. Entretanto, como seria agradável dizer-lhes que falei com um alto senhor — alto de altura e posição — que foi comigo muito amável e que teve um sorriso simpático, quando lhe perguntei:

—É verdade que conheceu Zaharoff em Lisboa?

—Mas com certeza. Fui cordeal conhecimento de «sir» Basil, que era como todos lhe chamavam...

—É verdade que ele residiu em Lisboa?

—Inúmeras vezes, não direi. Mas muitas vezes «sir» Basil esteve em Lisboa...

—Para quê?

—Negócios! Sempre os negócios que ele tratava com aquele tacto indiscutível de velho turco-grego...

Arrisco-me? Não me arrisco à pergunta? É melhor insinuar:

—«Sir» Basil, que era armamentista, deve então estar ligado a alguns movimentos do país...

—Não como pode pensar...

—As tentativas de restauração monárquica...

—Não me consta. O caso, como negócio, não devia interessar-lhe por aí além. E como política...

Num gesto de convicção, enquanto ajeita os óculos:

—Não. Basil Zaharoff não tinha credos políticos a defender...

—Mas forneceu armamentos a Portugal?

—Sim... ao Governo. A casa «Vickers» deve ter sido a fornecedora do primeiro canhão «Maxime» que apareceu em Portugal. Era uma metralhadora pesada moderna. — Quem... introduziu «sir» Basil no nosso país?

—Oh! ele era omnisciente como um deus e como ele providente e invisível... Era um sujeito alto, forte, de perinha aguçada à Imperial, chapéu mole desabado, para que a vista ficasse mais protegida e fora dos olhares indiscretos... Creio que foi o velho conde de Burnay, culto e viajado, quem, entretanto, introduziu em Portugal a velha sombra europeia...

—Uma sombra que, como todas, o Sol destruiu...

— Aquela perdurará: é o próprio espírito da guerra, o símbolo de todos os interesses postos em jogo em nome de ideais...

— Certamente que «sir» Basil tinha então algum interesse em Portugal...

— Sim...

— Mas não era do coração...

— Não. O coração de «sir» Basil pertenceu exclusivamente à duque-

dos. Todos os dias lá vão parar mais uns meios tostões...

— A Carris!

— Exactamente! A Carris é a antiga Lisbon Electric Tramways, fundada pela casa Burnay, «sir» Basil e alguns magnates da finança inglesa...

— Em relação com a casa Vickers?

— De modo algum. Entre a Vi-

propriedade da casa Burnay... Mas era quasi sempre impenetrável, esse homem que dominou meio mundo e carregou os bolsos de Lloyd George com os seus canhões...

— Pouco falador?

— Excepto quando tinha conveniência em captar a simpatia de alguém, para fins comerciais... Então, tornava-se falador, amabilíssimo, abordando temas de arte e de literatura, de paisagens e costumes, com a mesma consciência com que falava de fornecimentos de armas...

Na cadeira demasiado pequena para as suas pernas altas — o meu entrevistado faz por se adaptar às respostas e às dificuldades do assunto:

— Esse homem, que não se interessava pela politica, teve entretanto um papel importante na vida interna da Grécia, apoiando Venizelos, cujo papel poderei comparar à acção politica de Afonso Costa em Portugal. Mas não era por amor da politica de Venizelos que «sir» Basil apoiava aquele partido grego: os lucros que auferia interessavam-lhe mais...

— Conta-se que foi uma viagem *en retard* que inspirou a Zaharoff a organização de uma empresa de transportes electrificados, em Portugal...

— Oh! a imaginação responde a muitas interrogações impenetráveis... Que podia importar a «sir» Basil que os choras andassem devagarrinho, se ele os não utilizava!... O negócio deve-lhe ter sido proposto pelo velho conde de Burnay...

— Em Portugal, quem privava com «sir» Basil?

— Privar — ninguém. Conheciam-no melhor o conde de Burnay e os filhos. E, além desses, os sobrinhos, os Bordalo Pinheiro, os condes de Mafra e, ainda, Baltazar Cabral, já falecido, e Sequeira Nunes que, por vezes se aproximavam dele ou dos secretários, para tratar dos negócios da casa Burnay. Quasi sempre, porém, os negócios eram tratados por intermédio dos dez ou doze secretários, homens competetíssimos e de uma discreção absoluta... Uma vez...

O nosso entrevistado sorri:

— Todos nós temos os nossos problemas... económico-financeiro... Fui a Londres tratar de um assunto importantíssimo. Mas, sistematicamente, as portas fecharam-se-me. Resolvi, então, atravessar o Canal da Mancha — esse canal que «sir» Basil atravessava sempre em torpedeiro do governo inglês — e procurei em Paris o grande armamentista. Tinha a certeza de que ele estava lá, porque o vira passar. Mas fui atendido pelo secretário que, apesar de me conhecer muito bem,



Basil Zaharoff

sa de Marchena, uma grande deus de Espanha...

— Casaram?

— Mas só muito tarde, quando a duquesa, profundamente católica, enviuvou e pôde realizar o casamento religioso...

— Os filhos...

— As filhas. Estão casadas, muito bem casadas...

— E os negócios que o traziam a Portugal...

— Lá vão singrando, pelos mo-

ckers e a L. E. T. nenhuma coisa de comum existia — a não ser a pessoa de alguns sócios, entre os quais Zaharoff.

— Mas que vinha então cá fazer o armamentista, se foi cedida a concessão inglesa?

— Sempre havia uma certa interdependência, compreende...

— Onde se hospedava «sir» Basil?

— No antigo Hotel Central, ali no Cais do Sodré, que era também

informou-não saber em que país se encontrava, naquele momento. «sir» Basil... Disse-lhe o que desejava e foi-me prometido que, três horas depois, teria uma resposta. Efectivamente, quando voltei, «sir» Basil que se encontrava ainda *quelque part du mond*, mandava-me dizer que podia voltar a Londres, porque todas as portas se tinham já aberto... E assim era.

— Quando vinha a Portugal demorava-se?

— Nunca se sabia. Quando estava, parecia ausente. Quando não estava, parecia presente. Tal era o muro criado à sua volta e o prestígio da sua personalidade.

— Para que tantas precauções?

— Oh! «sir» Basil tinha o mérito de conhecer a psicologia humana! Além de um possível receio de algumas vezes sofrer a má vontade dos pacifistas desiludidos, ele ocultava-se porque sabia que esse «mistério» criava lenda e essa lenda dava-lhe um poder aparentemente sobrenatural que prestigiava a sua missão entre os homens... Ele sabia, realmente, que nada mais prestigiava a presença do homem, do que a sua ausência... Devo dizer-lhe, entretanto, que «sir» Basil apreciava o nosso país que deve ter percorrido em companhia do conde de Burnay. O nosso clima, principalmente, era-lhe muito agradável e só não se teria fixado em Sintra, porque isso financeiramente lhe não interessava...

— Pregunto se, da sua passagem por Portugal, não teriam ficado algumas fotos, como documentário?

— «Sir» Basil não gostava de se fazer fotografar. E o «kodak» nesse tempo, talvez não estivesse tão vulgarizado... Algumas fotos que ficaram dele foram feitas por jornalistas, apanhadas de fugida... Recordo-me que o primeiro filme feito por amadores, que eu vi, foi executado no «chateau» Ballancourt que «sir» Basil, possuía em França. Certa vez, depois de jantar em Hyde Park — em Kensington — com uma filha do armamentista, passaram um filme de curta metragem em que ele aparecia várias vezes, rodeado quasi sempre dos seus cães favoritos... Deve ser esse o melhor documentário de Zaharoff...

— Uma imagem gentil da sua passagem por Portugal...

— Não conheço. Nesse tempo em que não eram precisos passaportes, «sir» Basil entrava e saía do nosso país, demorando-se apenas o tempo que o negócio reclamava. Entretanto, ele que era acima de tudo interesseiro, tinha pelo menos dois gestos nobres em cada ano: pelo Natal, mandava sempre um milhão de francos para os pobres protegidos do czar da Rússia e igual quantia para os pobres do rei da Grécia. Para este, porém, foi só enquanto o rei não lhe fez a «partida», como ele costumava dizer... Além disso, esse homem que em 1914 empurrou o mundo para a fogueira da guerra, foi disselgado protector da Cruz Vermelha — principalmente da francesa e da inglesa.

— Falava português?

— Não. Nunca articulou uma palavra na nossa língua que não lhe devia ser nem demasiado familiar nem simpática ao ouvido. Mas falava admiravelmente o francês, o inglês era-lhe absolutamente familiar e o espanhol, talvez por causa dos seus amores, não lhe era de modo algum estranho.

— Em que ano estaria pela última vez em Portugal?

— Talvez em 1913... E talvez não, sabe-se lá... Se o conde Burnay fosse vivo, só esse lhe saberia dar pormenores da sua passagem por Portugal. Há, entretanto, no nosso

país, muitas cartas do velho Zaharoff...

Se há muitas cartas em Portugal do velho Zaharoff — como devem ser interessantes... Ele que não cultivava amizades, mas interesses, com o mesmo carinho com que o jardineiro cuida dos seus canteiros — que poderia dizer nessas cartas, escritas em francês e pelo seu próprio punho? Não encontraríamos nela chave de algumas reviravoltas na política dos últimos 50 anos?

Portugal — pelo governo e pelos partidos — não foi nunca país armado. Mas, até que ponto Zaharoff teria entrado em tricas políticas, para desistir diante das impossibilidades financeiras de uns e outros?

Correu mundo que a intriga foi a arma a favor das suas próprias armas em venda. Se ela chegou a insuflar veneno na luta de partidos — isso pertence à História. E a História — a gente sabe-o bem — nem sempre se faz à base dos textos. Essas cartas desaparecerão um dia — quem as tem chama-lhe suas, deuses faz o que quiser — e talvez fique por esquematzar após a sua autópsia, muita coisa que a História não deveria ignorar. Não é verdade que foi durante um jantar no Hotel Central, diante de roda pequena de amigos que Zaharoff acentuou palavra por palavra:

— *Et si je mettais D. Manuel au trône?*

Um silêncio teria respondido a «sir» Basil — silêncio pesado, que ficaria suspenso como sonho e pesadelo simultâneos...

E esse caso da Carris — da Lisbon Electric Tramways — que apareceu a animar a velha empresa americana de transportes — lá andam, ainda hoje, a reboque dos «eléctricos», os velhos carros «americanos»... — que apparecera contado com um arzito de lenda — foi-me depois confirmado:

— Certa vez, «sir» Basil dirigia-se ao palácio das Laranjeiras que era do velho conde Burnay. Era convidado para o jantar e chegara mais de meia hora atrasado...

Que será, que não será, e Zaharoff apparece:

— A meio do caminho, estatelaram-se os cavalos do «choras», houve enredado de trânsito e o «coupe» não pôde passar...

O facto discutiu-se largamente: coisas de Lisboa... a câmara... o governo... a política... o espirito de rotineiro...

— Por que não se há-de modernizar o serviço de transportes de Lisboa?

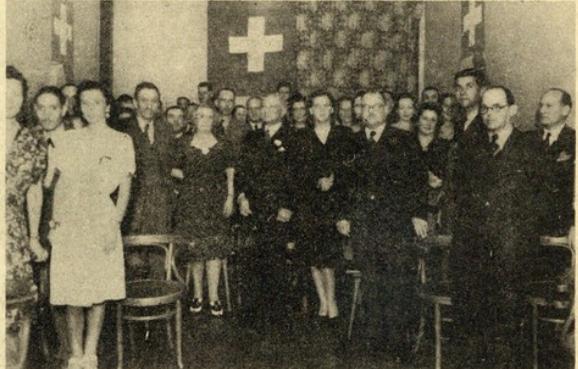
E, algum tempo depois, «sir» Basil, com alguns ingleses e acçãoistas portugueses, substituiu a tracção animal pela montagem eléctrica dos velhos americanos...

Das filhas de Zaharoff há duas netas ainda hoje ligadas de certo modo a coisas portuguesas: Helena e Cristina Walford, filhas de Leopold Walford, da alta finança londrina. Ambas passaram recentemente por Portugal, onde têm amigas de todas as horas e — veja-se como aqueles que julgamos mais estrangeiros nos estão de portas mais adentro — «miss» Helena Walford, que foi mobilizada, presta serviço na B. B. C. de Londres, na secção portuguesa...

Hoje, Zaharoff está morto. Ele que foi injusto — para que da injustiça colhesse o melhor fruto — descansa já como os justos. Viveu do ódio e criou o prestígio da força. Entretanto, também foi bom e



O GENERAL BASTICO, que comanda as tropas italianas empenhadas na luta no deserto egipcio, conversando animadamente com um habitante do Gebel cirenaco que quis illustrar no seu lenço o regresso das tropas italianas áquella região



O 651.º ANIVERSÁRIO da fundação da Confederação Helvética foi, recentemente comemorado no Pôrto, com a assistência do Ministro da Suíça, numa festa effectuada no Consulado daquêlle país

Vida MUNDIAL e Illustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Officinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa; DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

sensível. E só não criou raízes mais fundas em Portugal — porque o destino o não quis: «sir» Basil, encantado das graças de uma filha de D. João da Câmara, chegou a propor aos pais a adopção da menina que ele queria educar a seu contento... Laivos de poesia intercaladas com sombras trágicas de um romance vivido, a que os números emprestaram simbolismo estranho... Omnipotente... omnisciente...

Certa vez, Zaharoff assistia, no seu «fauteuil», a um espectáculo num teatro de Paris. Atrás de si, falava-se de «acções», «compras», «vendas»...

Ouvido à escuta, conseguiu compor o assunto: Na Turquia, acabava de se constituir uma empresa que já tinha autorização para exploração de um porto...

E, nessa mesma noite, muitos parisienses, teriam visto um avião sobrevoador a sua cidade, em direcção ao sul. Ia ali «sir» Basil que, 52 horas depois, tinha comprado todos os terrenos onde deveria funcionar o porto... E quando a companhia quis terra e mais terra — teve de a comprar por bom preço ao velho grego da Anatólia...

Zaharoff, que se fazia servir em baixela de ouro, manteve espirito

lúcido até aos últimos momentos de vida — tão lúcido que, quando perguntava pela marcha dos negócios, acrescentava sempre:

— «Só o que eu puder ouvir...»

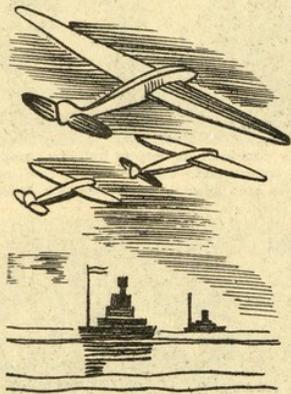
Sabia que as más notícias lhe faziam mal ao coração — um coração de 90 anos. E era ele que exigia, até sempre, o maior rigor no cumprimento de ordens de médicos: os caldinhos eram pesados, os temperos medidos, as vitaminas contadas...

Final, morreu. Morreu temido — e deixou saudades. Certa parte do mundo talvez tenha largado um — ah! — de alívio, como se pensasse que, com ele, ia desaparecer o pesadelo, o próprio espirito da guerra — a única realidade presente e eternamente renovada...

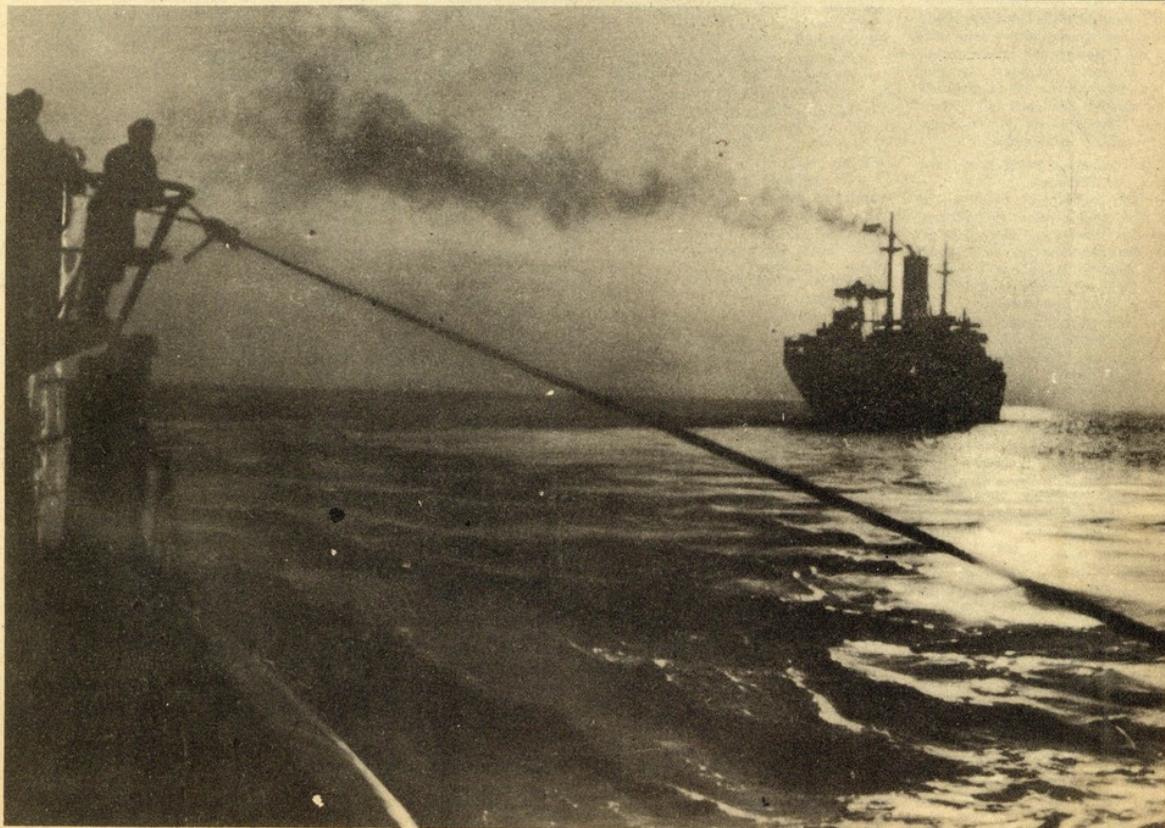
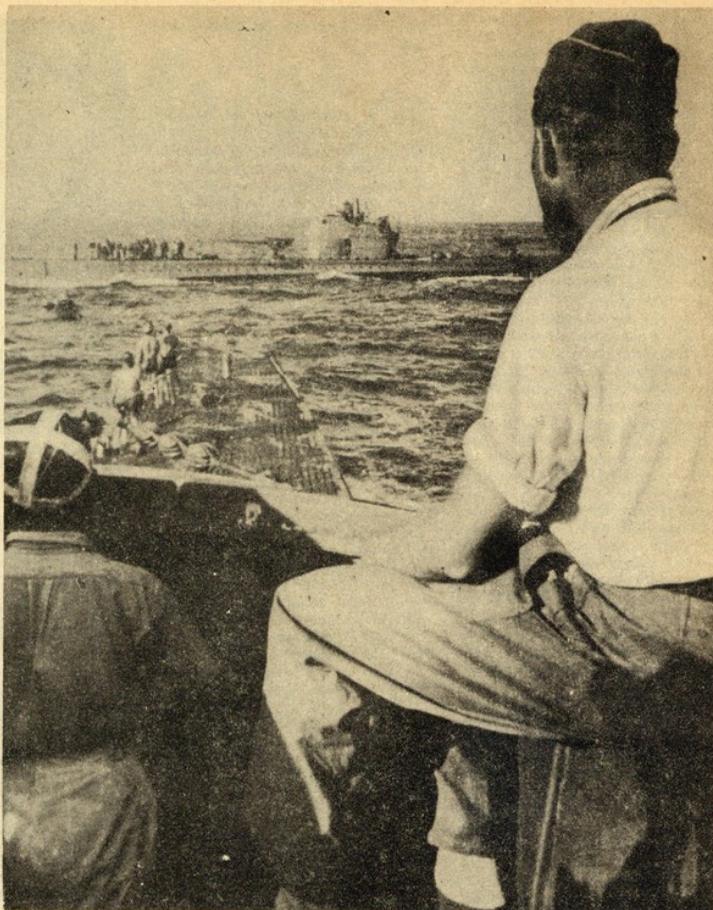
Daqueles com quem falei — amigos velhos de Basil — nenhum trouxe amargas lembranças à sua roda. Pelo contrário; a lenda do seu mistério e desamor dos homens quebrou-se como um cristal de gelo à luz do sol da verdade — Zaharoff não era bem o que pensam...

...Últimas flores gentis da saudade e estima, sobre o mistério de uma campa que o tempo pouco a pouco há-de cobrir de pó e esquecimento...

Quando dois submarinos se encontram no ALTO MAR



A DIREITA — Dois submarinos alemães empregados na batalha do Atlântico encontram-se, certo dia, no alto mar. Navegam à superfície e as tripulações vêm saudar-se. No meio da violência da luta, a guerra tem às vezes, momentos em que os homens esquecem o seu duro ofício e sentem suas alegrias. — EM BAIXO: Outras duas unidades da frota alemã encontram-se também no Oceano e os seus tripulantes preparam-se para um encontro agradável.



FIGURAS DA VIDA NACIONAL

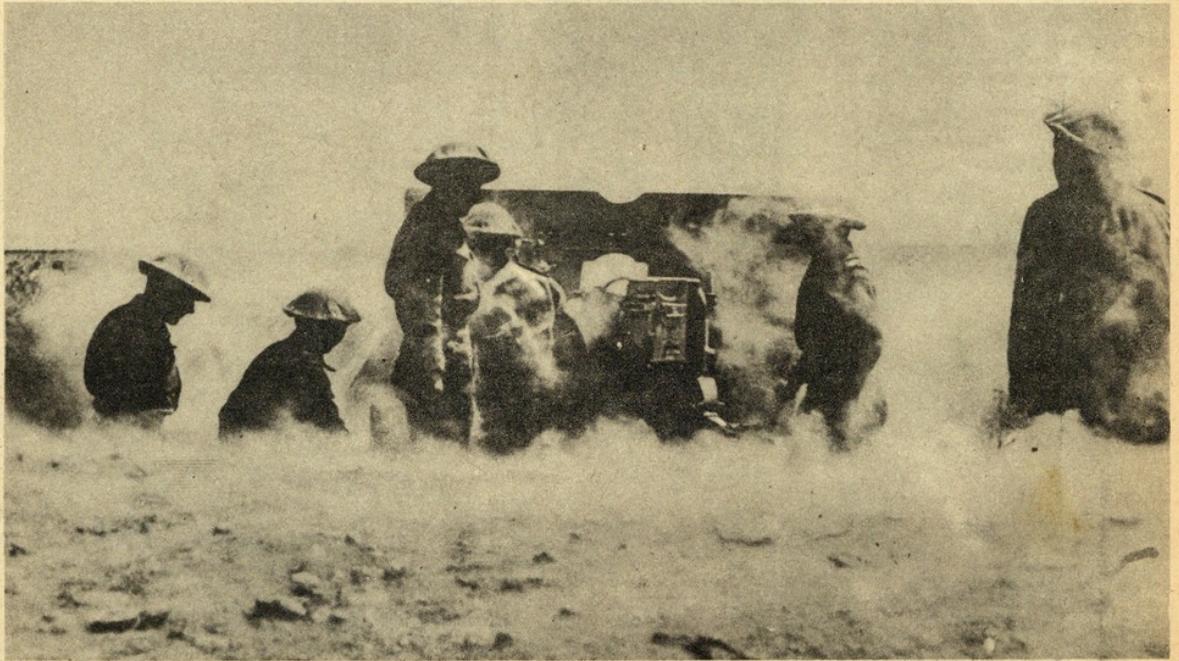


O SR. DR. MARCELO CAETANO, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e Comissário Geral da «Mocidade Portuguesa», visto pelo nosso caricaturista SANTANA

Os ingleses no **DESERTO EGIPCIO**



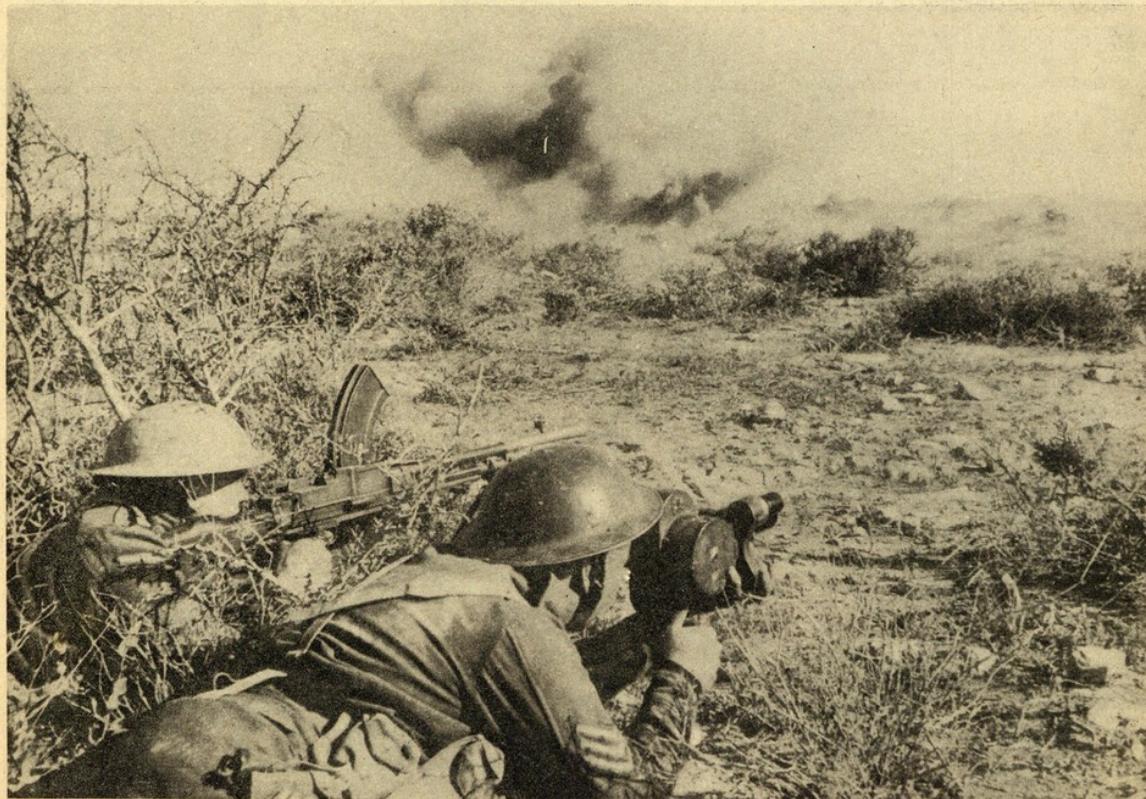
AVANÇO DA INFANTARIA INGLESA atrás de carros de assalto das suas formações blindadas: homens e máquinas protegidos por uma coluna de fumo



EMBORA TENHA DEMINUIDO DE INTENSIDADE, não deixou de ter importância fundamental na evolução da guerra a luta no deserto egípcio, onde os contra-ataques de Auchinleck fizeram parar nas imediações de El-Alamein a ofensiva que Rommel havia trazido da Líbia. A concentração de novos reforços permite prever para breve um recrudescimento da peleja. «Vida Mundial Ilustrada» publica hoje algumas fotos inéditas sobre a actuação das tropas inglesas nos últimos combates. Em cima: O impressionante disparar dum canhão britânico. Cada tiro faz levantar nuvens de poeira



SOB UM SOL ESCALDANTE, com temperaturas que sobem por vezes a mais de 50° à sombra, os homens têm que cavar trincheiras na areia, para avançar com precaução. Este é o sistema inglês de defesa no deserto egípcio



O EXERCITO INGLÊS tem também os seus reporters fotográficos da «frente» que avançam, lado a lado com as tropas das primeiras linhas, obtendo as fotos que correm Mundo para dar ao público visões autênticas da luta, despidas de qualquer artificialismo. Aqui vemos um desses reporters filmando com a sua câmara cinematográfica, junto do outro soldado que faz accionar a metralhadora para destruir um foco de resistência inimiga.

(Fotos «Britanova»)

Imagens pitorescas do MUNDO



1) UMA HEROÍNA DO CINEMA que é também uma heroína da vida. Trata-se de Margaret Mac Gratt, uma artista inglesa que, em 1940, durante um ataque aéreo, salvou algumas pessoas que estavam em perigo de vida. Isso valeu-lhe grande popularidade, a ponto de ser a figura principal dum romance sobre a guerra, publicado nessa altura. Agora, vai viver o seu «caso» na nova produção «Those Kids From Town». — 2) ANN RUTHEFORD conhecida actriz do cinema americano imaginou um novo fato de praia, impermeável, que está a vestir e aqui deixamos à consideração das nossas leitoras — 3) A PRIMEIRA FOTOGRAFIA publicada na América sobre o ataque da aviação japonesa a Pearl Harbour, em Dezembro passado. Trata-se da explosão dum depósito de combustíveis — CURIOSA FOTO do interior duma das muitas fábricas de aviação na América do Norte.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XIII-Quanto vale uma esquadra

I

INCIDENTES COM OS NAVIOS FRANCESES

OUANDO, em 22 de Junho de 1940, a França assinou o armistício e a Grã-Bretanha ficou sózinha na luta, esta dispunha quasi apenas da sua esquadra para continuar um combate sem tréguas contra as duas mais poderosas potências que, sob o ponto de vista militar, havia no continente europeu: o Reich e a Itália. Essa esquadra, já provada numa acção de vigilância constante durante mais de dez meses, ia dar a medida do seu verdadeiro valor e da sua verdadeira utilidade, permitindo aos ingleses desempenhar, ainda durante um ano em que permaneceram isolados, as múltiplas tarefas que a própria condução do conflito fizera cair sobre os seus ombros.

Em Londres, tanto nos meios políticos como no Almirantado, havia a convicção firme de que só a conservação duma superioridade naval decisiva podia permitir à nação resistir aos golpes que o destino certamente lhe preparava. Por isso não houve a mais ligeira hesitação quando se tratou de assegurar essa superioridade por todos os meios, incluindo os mais enérgicos e violentos.

Durante as conversas que teve com os dirigentes franceses nas vésperas da assinatura do armistício, o sr. Churchill insistiu, invariavelmente, na necessidade de acatular a superioridade que referimos. E só consentiu em desligar a França dos compromissos solenes que este país assumira em relação ao seu aliado, depois de ter obtido a promessa formal de que, em circunstância nenhuma, os navios de guerra franceses iriam parar às mãos do inimigo. Tanto nas negociações que se realizaram entre o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha e o sr. Paul Reynaud como no diálogo sacudido que aquêle manteve com o seu sucessor, o assunto foi posto em termos que não admitiam a mais ligeira sombra de dúvida. Embora não desejasse a cooperação da esquadra francesa, a Grã-Bretanha laria tudo para que o Reich e a Itália se não apoderassem dela quaisquer que fossem as circunstâncias que o destino porventura viesse a criar. Só assim, efectivamente, seria possível aos ingleses manter-se na luta com algumas probabilidades de êxito, uma vez que perdido o aliado continental, o mar passava a ser o seu único aliado.

UMA HIPÓTESE DRAMÁTICA

Embora as especulações sobre o passado constituam um campo vedado a quem se propõe narrar os acontecimentos sobre a base da veracidade e da realidade, é lícito perguntar o que teria acontecido se o armistício que pôs termo à luta entre o Reich e a França tivesse sido feito em condições diversas daquelas que rodearam a sua celebração e afastaram aquêle último país da luta. A máquina militar alemã



Almirante Godfrey

tinha alcançado todos os seus objectivos. Não se tratava apenas da derrota formal duma nação que poucas semanas antes exhibia orgulhosamente o seu potencial militar. Tratava-se do aniquilamento, puro e simples, dêsse potencial. O exército francês, único que se encontrava em condições de defrontar a Wehrmacht, sucumbira irremediavelmente e desaparecera. O número de prisioneiros feitos, cerca de dois milhões, indicava claramente que era impossível reconstituí-lo.

O novo governo, que se constituiu em Bordeaux sob a presidência do marechal Pétain, desejava ardentemente restabelecer a paz. A nação sucumbida ia exigir um largo período de repouso para curar as feridas sangrentas que a adversidade abria no seu corpo. As estradas estavam ainda cheias com os milhares de refugiados que procuravam fugir aos horrores das invasões e dos bombardeamentos aéreos.

Que sucederia se, em vez de ter sido assinada no vagão histórico que servia de cenário à imposição daquilo que os alemães sempre consideraram um «diktat» ignominioso, o vencedor tivesse assentado numa paz imediata, que salvaguardasse as exigências da sua segurança e as necessidades da continuação da luta, mas suprimisse definitivamente, por um acto generoso, os motivos de divergência que ao longo dos séculos tinham separado os dois povos? É certo que nas páginas do «Mein Kampf» o Führer afirmara que o inimigo mais perigoso da sua pátria era a França. Mas não haviam sido essas páginas escritas nas horas sombrias do Ruhr? E não estavam os acontecimentos a demonstrar que, mesmo depois de abatida a França, a Grã-Bretanha se achava firmemente decidida a lutar, mostrando assim que não perdera nada da sua obstinação tradicional? Não era portanto de abater a Inglaterra que se tratava, afinal?

A INQUIETAÇÃO DO ALMIRANTADO

Era este género de raciocínios que inquietava os dirigentes britânicos. Estes pensavam que o Reich, tendo de escolher entre uma França

aliada, pela sua integração sincera no quadro continental, e a hostilidade duma França exacerbada pelos ressentimentos duma paz de violência, bem podia escolher o primeiro caminho, criando assim uma situação intolerável. Só a rivalidade das duas potências continentais, mesmo quando uma delas estava abatida pela força, era favorável aos seus desígnios. Não acontecera o mesmo quando, em seguida à paz de Versaillies, Lloyd George dera a mão à Alemanha vencida para que esta pudesse resurgir-se dos escombros da derrocada mas, antes de mais nada, para que ela pudesse desempenhar o seu papel na balança do equilíbrio continental?

Em Londres pensava-se, e com razão, que desta vez o caso parecia mais nítido ainda pela existência duma esquadra francesa moderna e poderosa. Se essa esquadra fosse parar às mãos do inimigo este teria, decerto, assegurado rapidamente a sua vitória.

As condições em que o armistício foi assinado, reabrindo todas as feridas que poderiam ter sido fechadas por um gesto magnânimo do vencedor (Alsácia e Lorena, compensações coloniais, tributo de guerra) comagaram a tranquilizar o espírito dos dirigentes britânicos. Das duas soluções que se ofereciam para realizar a sua política, o Reich escolheu aquela que ia conduzir fatalmente à continuação da rivalidade franco-germânica. Do texto do armistício não resultava que a esquadra francesa passaria para o domínio dos alemães, mesmo transitóriamente, para abater o inimigo insular. E, decerto, desde que tinha de cumprir outras cláusulas bem dolorosas, a França a não entregaria voluntariamente. Restava a possibilidade de os alemães se apoderarem dela pela força. Essa possibilidade nunca foi excluída do pensamento do Primeiro Ministro britânico e dos chefes do Almirantado. É impossível dizer em que medida ela poderia transformar-se em realidade. Mas o simples facto de terem de a encarar punha calafrios na espinha dos mais calmos e resolutos dirigentes da Grã-Bretanha.

UMA CONTA FÁCIL DE FAZER

Com um papel e um lápis, era fácil a qualquer perito naval britânico concluir que, embora dispersas pelo Atlântico e pelo Mediterrâneo, as esquadras dos países continentais (Reich, Itália e França) bateriam, sem remissão, a esquadra inglesa.

A Grã-Bretanha possuía, nessa altura, quinze navios de linha, tendo perdido um (o «Royal Oak») desde o início das hostilidades. Nenhum dos magníficos navios do tipo «George V» tinha ainda entrado em serviço. Dos que possuía, quasi todos eram de tipo e construção antiquados. O combate dramático que posteriormente veio a travar-se entre o «Bismark» e o «Hood» confirmou plenamente aquelas apreensões e demonstrou que o maior cruzador de batalha do mundo podia ser afundado por um navio de menos tonelagem que reúnisse requisitos de ordem técnica mais modernos e eficientes. Além destas considerações, o Almirantado não ignorava que os seus navios se encontravam, praticamente, divididos por quatro esquadras: esquadra do Atlântico («Home Fleet»), esquadra do Mediterrâneo ocidental, esquadra do Mediterrâneo oriental e esquadra do Índico e do Extremo Oriente.



Almirante Cunningham

O Reich tinha, na mesma altura, quatro navios de linha moderníssimos: «Tirpitz» e «Bismarck» (deslocando 35 mil toneladas cada um), «Scharnorst» e «Gneissnau» (de 26 mil toneladas cada). A Itália possuía seis navios daquela categoria: o «Vittorio Veneto» e o «Littorio» moderníssimos (também de 35 mil toneladas) e quatro unidades do tipo «André Doria»-«Cavoni» (todas modernizadas e com um deslocamento de 24 mil toneladas cada). A França podia entrar em ação com cinco unidades duma extraordinária eficiência: o «Strasbourg» e o «Dunkerque», de construção recente, verdadeiras maravilhas de construção naval (deslocamento de 26 mil toneladas) e três navios mais antigos mas ainda assim de grande eficiência militar: «Provence», «Lorraine», «Bretagne». Mesmo excluindo outras unidades (o «Richelieu» estava pronto, o «Jean Bart» em acabamento e havia ainda os velhos couraçados «Paris» e «Courbet») poderiam totalizar-se para uma ação comum quinze navios de linha mais modernos e eficientes do que os da Grã-Bretanha.

A SITUAÇÃO DOS NAVIOS FRANCESES

Assim se compreendem e justificam as inquietações que dominavam os círculos dirigentes de Londres nos dias que se seguiram à assinatura do armistício. Qual era, nessa altura, a posição da esquadra francesa, e especialmente que destino havia sido dado aos seus navios de linha? As notícias que corriam mundo eram várias e

contraditórias. Levou certo tempo a esclarecer a situação, fazendo uma destriça conscienciosa entre as informações dignas de crédito e os boatos que circulavam por toda a parte. Alguns navios franceses tinham-se refugiado em portos ingleses. Eram, de uma forma geral, os que se encontravam em Brest à data da derrota. Entre eles figuravam os couraçados «Paris» e «Courbet», e vários navios de menor tonelagem, entre os quais contra-torpedeiros, torpedeiros e submarinos, com o «Surcouf», considerado o maior submarino do mundo. Outros encontravam-se incorporados na esquadra anglo-francesa do Mediterrâneo oriental, com base em Alexandria. Tinham até realizado, num espírito de franca e leal camaradagem, as obrigações impostas pela aliança dos dois países. Eram o «Lorraine», de 22 mil toneladas, os cruzadores de 10 mil toneladas «Duquesne», «Tourville» e «Suffren», o cruzador de 7 mil toneladas «Duguay Trouin», dois avisos e três torpedeiros, o «Fortune», o «Forbin» e o «Basque».

Dos dois navios de linha que se encontravam concluídos ou em vias de conclusão, um, o «Richelieu», recebera ordem para se encaminhar para Dakar, o que fizera pelos seus próprios meios, enquanto o outro conseguia chegar a Casablanca. O destino destas unidades inquietava particularmente o Almirantado britânico.

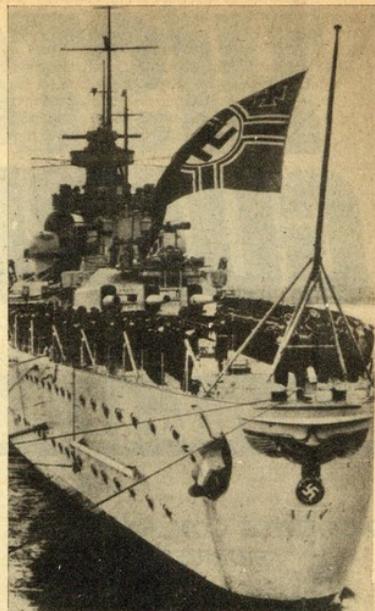
Mas o grosso da esquadra francesa, que habitualmente fazia de Toulon a sua base, seguira para Oran, onde, na baía de Mers-el-Kebir se concentravam as suas melhores unidades, entre elas o «Strasbourg», o «Dunkerque» e o «Bretagne».

Uma vez fixada a posição destas unidades, restava ao Almirantado tomar uma decisão que evitasse a sua utilização pelo inimigo. Essa decisão não se fez tardar e deu origem a uma das páginas mais negras escritas no decurso da conflagração a que assistimos.

O INICIO DA ACÇÃO BRITANICA

Essa ação iniciou-se resolutamente no dia 3 de Julho de 1940. Primeiro as autoridades navais inglesas ocuparam os navios franceses que se encontravam nos portos da Grã-Bretanha. Esses navios eram superiormente comandados pelo almirante Cayol, cuja ação em tão delicada emergência nunca pôde ser inteiramente esclarecida.

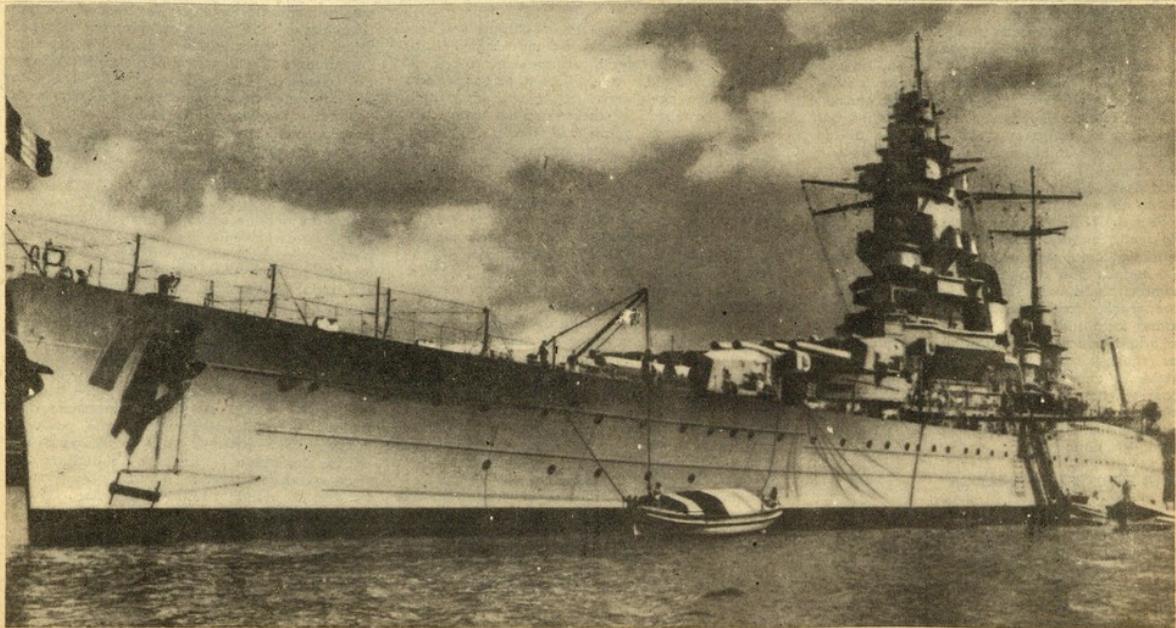
Na madrugada de 3 de Julho, os marinheiros ingleses ocuparam os submarinos «Minerve» e «Junon» e os avisos «Commandant Duboc», «Bellfort» e «Caucy», que se encontravam atracados uns aos outros. Aos comandantes destas unidades foi entregue um documento redigido nos seguintes termos: «De acordo com o almirante Cayol, comandante das forças na-



Um couraçado alemão da classe «Bismarck-Tirpitz», que entrou ao serviço no ano de 1940.

vais francesas em Inglaterra, o Almirantado inglês vê-se na necessidade de tomar conta dos navios franceses. Se os comandantes destes navios opuserem qualquer resistência à ocupação, apesar de lamentável, teremos de empregar a força. Os comandantes dos navios em questão procuraram pôr-se em contacto com o almirante Cayol, o que não conseguiram. Por fim acabaram por ceder à intimação recebida.

Em três navios, registaram-se, porém, incidentes desagradáveis que fizeram correr sangue entre os aliados da véspera. A bordo do «Surcouf» os tiros soaram quando os ingleses procuravam ocupar o navio. Os oficiais do submarino, incluindo o comandante, empunhando as suas pistolas, declararam que se recusavam a cumprir a intimação recebida. Um tenente da marinha britânica, enquanto o comandante, que desembarcara e procurava avistar-se com o almirante Cayol estava ausente, intimou, de pistola em punho, o imediato, a entregar o navio. Foi morto por um dos ofi-



O «Dunquerque», um dos mais modernos navios de linha franceses, de 26.000 toneladas, que, na altura do armistício, foi para a baía de Mers-el-Kibir

ciais da guarnição, seguindo-se um duelo trágico em que morreram alguns oficiais dum e doutro lado.

A tripulação do torpedeiro «Mistral» tentou afundar o navio, tendo-se dado, nessa ocasião, incidentes de certa gravidade. Por último os ingleses evitaram o afundamento e tomaram conta do «Mistral». A bordo do «Paris» também se registaram cenas lamentáveis, havendo troca de tiros entre franceses e ingleses. Os navios franceses que se encontravam ancorados em Plymouth e em Portsmouth entregaram-se sem que se tivessem registado quaisquer incidentes.

NO PÓRTO DE ALEXANDRIA

No mesmo dia 3 de Julho, os ingleses procuraram igualmente liquidar a situação criada pela presença dos navios franceses que se encontravam fundeados em Alexandria. As negociações entre as autoridades navais britânicas e francesas duravam desde o dia 25 de Junho. Os navios ingleses que se encontravam naquêlê pórtô e que podiam entrar em acção para effectivar os planos do Almirantado eram os seguintes: «Warspite», a bordo do qual se encontrava o comandante em chefe da esquadra do Mediterrâneo, almirante Cunningham, o «Malaya», o «Royal Sovereign» e o «Ramilies» (navios de linha), e porta-aviões «Eagle» e, além destas unidades, oito cruzadores de 7 mil toneladas, deztoito contra-torpedeiros, seis submarinos e dois avisos.

Quando, em 25 de Junho, o comandante da esquadra francesa baseada em Alexandria, almirante Godfroy, procurava apertar para sair, foi procurado a bordo do «Lorraine» pelo chefe do Estado Maior da esquadra inglesa que lhe disse ter ordens terminantes para evitar essa saída e que, em caso de necessidade, a impediria pela força.

A ordem de saída para a esquadra francesa, emanada do governo de Vichy, não teve, por isso, cumprimento. A bordo do «Lorraine», o almirante Godfroy aguardou o desenrolar dos acontecimentos no meio duma atmosfera densa de boatos e de informações suspeitas. Em 27, o chefe da esquadra francesa recebeu a visita

do seu camarada Cunningham, com quem teve uma demorada conversação. Perante a insistência de Godfroy, que pretendia, a todo o transe, deixar o pórtô de Alexandria com os seus navios, o almirante inglês declarou-lhe, de maneira categórica, que embora o governo de Londres não desejasse utilizar os navios do seu comando preferiria ordenar o seu afundamento a correr o risco de, deixando-os sair para o mar, elles irem parar às mãos do inimigo.

Entretanto um novo navio francês, o submarino «Protée», entrou em Alexandria, indo juntar-se aos que já ali se encontravam e trocando com o navio almirante da esquadra britânica as saudações do estillo. As relações pessoais entre o almirante Godfroy e o seu camarada Cunningham não tinham sido afectadas pela delicadeza da situação, o que contribuiu para facilitar o prosseguimento das negociações.

UMA SOLUÇÃO SALVADORA

Em nome do Almirantado, o almirante Cunningham acabou por apresentar a Godfroy as seguintes soluções que, pessoalmente, lhe comunicou durante um dos seus encontros:

- 1.º Os navios franceses seriam postos à disposição da Grã-Bretanha;
- 2.º Os navios franceses seria desarmados;
- 3.º Os navios franceses seriam afundados pelas próprias tripulações em local a indicar pelo comando inglês.

Depois de ter convocado os seus officiaes para uma reunião a bordo do «Lorraine» e de lhes comunicar o que se passava, o comandante Godfroy fez saber que optava pela terceira solução como sendo a mais consentânea com o seu brio militar.

Cunningham afirmou a sua concordância com a escolha feita e começaram a fazer-se preparativos para afundar a esquadra francesa baseada em Alexandria. Entretanto dava-se em Mers-el-Kebir o incidente a que adiante nos referiremos e as noticias do que se havia passado fizeram alterar a resolução inicialmente tomada pelo almirante. Este, num novo encon-

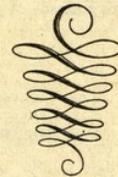
tro que teve com Cunningham, verberou o procedimento da Inglaterra e declarou que, depois do que se havia passado, retomava a sua liberdade de acção.

Assim os navios ingleses dispuseram-se para afundar com os seus canhões as unidades da esquadra francesa que se encontravam naquêlê pórtô. Foi quando tudo se preparava para o combate que sobre a cidade voaram alguns aviões italianos, contra os quais dispararam simultaneamente as peças anti-aéreas das unidades francesas e inglesas. Este incidente inesperado levou a uma nova troca de impressões que não conduziu a qualquer resultado.

Finalmente, às 15 horas do dia 4 de Julho, o almirante Godfroy comunicou aos ingleses a seguinte proposta: «Desembarcamos todo o combustível e munições, reduzimos as equipagens ao mínimo indispensável para a conservação dos navios que, sem qualquer fiscalização inglesa, continuarão em Alexandria até ao final da guerra, com a bandeira francesa arvorada». A resposta de Cunningham foi laconica: «Aceito».

Nessa mesma tarde procederam aos trabalhos necessários para dar cumprimento à combinação feita. Cunningham, no final, escreveu a Godfroy: «Como vê, almirante, a Inglaterra não pretendia os seus navios. Estava disposta a aceitar todas as modalidades menos uma: a sua entrega à Alemanha».

(Continua)



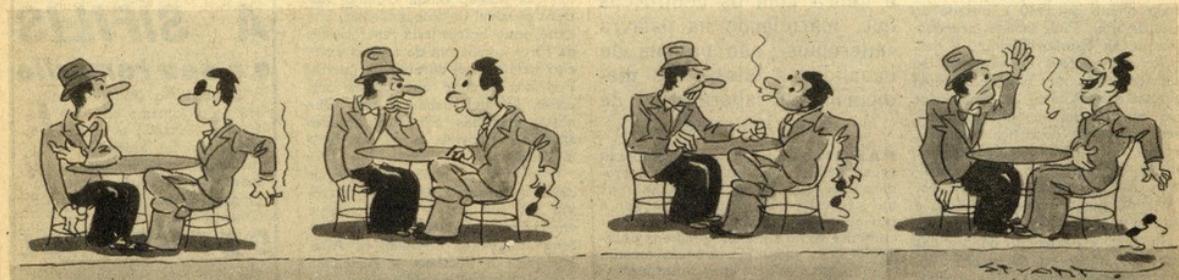
(Rigorosamente prohibida a reprodução, mesmo parcial.)



A BORDO DO NAVIO-ESOLA «SAGRES» regressaram a Lisboa, vindos de Tanger, o sr. General Freitas Soares, comandante da Escola do Exército, e alguns professores e cadetes daquêlê estabelecimento de ensino que foram em visita aos campos de batalha de Alcazer-Quibir e Arzila.



O HOMEM QUE CAIU DA JANELA por Stuart Carvahais



—Um dia, no 25.º andar dum prédio duma das avenidas de Nova York, estava um homem à janela. A certa altura, debruçou-se, desequilibrou-se e caiu...

— Veio por ali abaixo em grande velocidade, mas teve tanta sorte que caiu sobre um camião cheio de pneumáticos, que ia a passar nesse momento...

— Devido à elasticidade da borracha, o homem, ao cair, foi de novo projectado para o ar. Depois, voltou a cair e a subir. E assim sucessivamente.

— Ao fim de cinco dias, a familia pediu a um vizinho que era caçador, que lhe desse um tiro, a fim de que o infeliz não morresse de fome!

panorama internacional

FASE CRITICA

por Francisco Velloso

PODE classificar-se de crise alarmada a oitava agora encerrada. Os próprios técnicos chamam-lhe fase critica, e tão exactamente que o tomamos para titulo desta resenha de acontecimentos, visto que, sem pruridos de previsão, essas duas palavras resumem efectivamente o critério da observação que temos feito dos sucessos da politica internacional.

MAL INGENTO



HITLER

Onde a causa da crise? Na mesma desproporção, no mesmo desequilíbrio que, desde o principio da guerra, existe entre as necessidades de uma acção coordenada politica e militar por parte dos Aliados, e os seus meios para a executar, desequilíbrio que, devido à beligerância dos Estados Unidos e ao poder da sua produção industrial, foi diminuindo mas ainda não cessou, falta de paralelo ritmo entre a produção para a guerra e aquelas necessidades.

Tendo, por muitos aspectos, semelhanças impressionantes com a crise funcional da condução da guerra de 1914 pelas quatro grandes potências que então combateram a Alemanha, esta tem sido até hoje o handicap do alto comando alemão, a razão, pelo menos circunstancial, de, durante quasi três anos, ele não haver perdido o ascendente da iniciativa, e de ter evitado, sempre com bom êxito, a guerra de bacia, a guerra a duas ou mais frentes na Europa.

Ninguém pode negar que a Inglaterra suportou com inacreditável energia o risco elevadíssimo de afrontar a vitória continental alemã durante os últimos meses de 1939, todo o ano de 1940 e metade do ano de 1941. Pôde fazê-lo, primeiro, porque os Estados Unidos, a despeito das traições isolacionistas ao serviço da Quinta Coluna e do Bund germano-americano, constituíram-se em rectaguarda da Grã-Bretanha, seu amparo e depósitos; segundo, porque a vontade colectiva do povo inglês, na Inglaterra e nos Dominios, reagiu com alto civismo, por força da sua admirável educação e da sua psicologia cheia de rectidão individual, e dentro do quadro das suas instituições em que a liberdade é tão querida como a responsabilidade do dever de a servir; terceiro, porque a Inglaterra supriu, no trabalho dos estaleiros e das oficinas, e no mais curto prazo de tempo, as carências de que soffria. É irrecusá-

vel que setenta por cento das forças terrestres que se batem nos mais diversos teatros da guerra, em todos os continentes, é inglesa, da Grã-Bretanha. É indiscutível que só a sua Armada e só a sua Aviação, mantiveram nos dois domínios capitais da guerra, o mar e o ar, as únicas supremacias que fizeram deter a Alemanha, e, sobretudo, a obrigaram a transformar o plano de um blitz-krieg no de uma guerra de três anos e que se prolongará para o quarto aniversário.

Mas aquele erro funcional é que não desapareceu. Hitler poderia ter hoje na mão oitenta ou mais por cento dos factores da vitória, se não atacasse a Rússia porque, nesse caso, já instalada a denominada Nova Ordem na Europa Continental, sob a hegemonia alemã, haveria aproveitado em cheio as consequências daquele erro.

O peso dos riscos da guerra que quasi exclusivamente a Inglaterra assumiu, custaram-lhe sacrificios preciosos, e entre todos, o de aviltada percentagem das unidades da sua Armada e da sua marinha mercante, a pontos de perder a fisca-

lização no Mediterrâneo e de em dado momento não longínquo, não poder assegurar o seu senhorio nas águas atlânticas.

A Rússia veio criar ao alto comando alemão o inimigo que elle não queria ter, e veio aliviar o encargo que onerava a Inglaterra, quando ella mais se exauria. A entrada dos Estados Unidos na guerra, contra a qual a Alemanha fez incendiar o Pacifico pelo Japão, garantiu a produção material que faltava aos Aliados, e novos exercitos frescos, equipados e prontos de que amanhã muito se há-de falar. Mas os Estados Unidos chegaram tarde ao conflito. A fabricitação das suas produções não atingiu o grau indispensável. A Rússia não teve ainda repouso nos combates. Soou um momento em que, a despeito dos enormes recursos de que ella dispõe, se perguntou se o seu esforço poderia continuar na mesma escala, mesmo com os francos e valiosos auxilios dos seus dois grandes aliados. O cansaço fisico das rectaguardas británicas, o enervamento dos povos occupados, agravaram-se. Falou-se na Nova Frente ou numa Segunda Frente na Europa. A crise de hoje é a resultante destas causas conjuntas. No fundo, um caso de descoordenação.

por de suas forças, continua a poder empenhar a maior parte dos seus meios militares em campanhas que venha a desencadear. Por toda a parte desenvolve esforços supremos a fim de aproveitar o prazo de demora que provavelmente não ultrapassará este ano e de obter, pela acção de todos os meios sem excepção, de que disponha, uma decisão no mais curto prazo possível.

Conferindo-se um destes textos pelo outro, não será difficil adaptá-los ao mesmo quadro de circumstâncias. Disse-se, com efeito, em devido tempo, que havia cem dias para criar, numa fase de transição, o condicionalismo necessário ao desfêcho da guerra. Estes cem dias ainda estão a decorrer. A Alemanha aproveitou-os a fundo. A reversão, favorável para ella, da campanha da Libia para trazer a guerra às portas do Egipto, a decadência naval inglesa no Mediterrâneo, o embravecimento da guerra submarina levada aos portos americanos e às zonas marítimas da Africa Occidental, o desencadeamento da offensiva a leste, com os prolegómenos da conquista da península de Kertch e da praça de Sebastopol, chegam para o demonstrar. Acabar por destruir o exercito russo (veja-se como todos os dias a agência officiosa francesa o proclama com visível antecedência e afã), combinar uma acção no Oceano Indico com outra no Mediterrâneo para fazer desabar a construção politico-militar das Nações Unidas no Próximo Oriente (o avanço de Romell e o aparecimento dos submarinos nipónicos à boca do Mar Vermelho), aumentar a todo o transe as perdas navais aliadas, impedindo ao máximo os comboios de abastecimento para a Inglaterra e para a Rússia, eis, em triplices objectivos, a concepção do alto-comando dos exercitos do Reich realizada com as vantagens de uma mobilização que na Alemanha nada deixou ficar parado, de uma maior proximidade dos campos de batalha, com uma indiscutível melhor

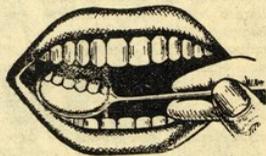
A GRANDE VIRAGEM

Ao terminar a primeira batalha de Karkov, em fins de Abril, Timochenco escreveu estas palavras diante da contra-offensiva de Von Bock no sector de Iziurn-Barbenkovo: «O comando alemão já não dispõe senão de um prazo de seis meses durante o qual ainda pode ganhar a guerra ou pode perdê-la definitivamente. O exercito russo da Ucrânia representa uma espécie de alto-forno que tem por missão fundir o maior numero possível de tropas alemãs. Um êxito desta ordem teria repercussões na força combativa de todo o exercito alemão e na duração da guerra. Podemos admitir que desses seis meses já lhe roubámos um. Que nestas batalhas corremos grandes riscos, é evidente, e não o dissimulamos».

Versando as concepções alemãs desta mesma fase da guerra, escrevia por sua vez o correspondente em Berlim da *Neue Zürcher Zeitung*: «Havendo desviado os Aliados para o Pacifico, a Alemanha ganhou certo prazo de demora para a preparação de novas operações offensivas e, provavelmente, assegurou-se de certas probabilidades de as realizar. Ella não se sente acuada em defensiva e constrangida a dis-

Gengivas são

Dentes fixos, sem cárie e sem piorreia



Só com PARGIL

(Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «micróbios», não passam de banalidades falsamente medicinaes de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, com a fórmula complexa (que inclui uma cultura polymicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um enérgico microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquellas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara a isamente o hálito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis êxitos.**

NAS FARMACIAS E DROGARIAS



TIMOGHENCO

A SÍFILIS e o seu remédio

Combater a sífilis sem abalos no organismo com um tratamento cómodo e económico, actuando em todas as manifestações da doença, tratamento feito durante os trabalhos ou occupaões de enfermo, consegue-se com o

DEPURATOL

que logo de início dá alívios, bom apetite de comer e uma boa disposição de espirito.

Tube, para quasi uma semana de tratamento — 11500.

EM TODAS AS FARMACIAS

qualidade de certas armas e de tática, como se provou quer na Líbia, em que a inferioridade em alcance e poder do canhão inglês foi a causa essencial do cheque parcial do 8.º exército, e na última fase da primeira batalha de Karkov em que Timochno parece ter errado ao avaliar depreciativamente os recursos do seu adversário alemão.

OS CEM DIAS



ROMMEL

Vistas agora as coisas do carnavaz, verifica-se que para realizar todo este plano, a Alemanha vem ferida. Primeiramente, já não pôde preparar tranquilamente a campanha e escolher-lhe a data porque o tempo ganhou entretantes nesta fase da guerra uma importância irresistível e quase cominatória. Verificou-se, como já aqui apontámos, que as retiradas russas deixaram de ser catastróficas ou a correr, e a própria da Líbia ofereceu, como aquelas, todo o cunho de uma luta de jôgo estratégico equilibrado. Não é menos patente que o atacante sofreu e sofre perdas onerosas e desgastadoras em gente e material, o que, com os outros factores, produziu um retardamento (quer quanto aos objectivos alemães do Cáucaso, quer quanto aos posteriores do Próximo Oriente, afastados temporariamente no Gargalo de Garrafa), só favorável aos aliados. O período em que o «Eixo» possuía, com uma força quase intacta, o monopólio das boas armas, escoou-se sem que dominasse a situação, tendo de contar com um aumento extraordinário da produção de guerra e de efectivos dos exércitos das Nações Unidas. Registemos, por outro lado, que o almirante Doenitz reconhece que a protecção dos comboios que saem da América é, no seu próprio dizer, «uma armadura praticamente impenetrável», e que a guerra submarina, só por si, não pode dar solução ao problema de estancar o abastecimento à Inglaterra e à Rússia.

Dito isto, pouso o leitor seus olhos nas seguintes e autorizadas considerações de um dos maiores comentadores militares dos acontecimentos:

«A pergunta que hoje se faz, é esta: Como poderão os Aliados tirar uma decisão favorável desta fase de transição? O seu inimigo ainda possui a iniciativa. Indubitavelmente, já não se propõe destruir eliminatóriamente, as forças armadas dos Aliados, porque sabe bem que a superioridade destes derrubará todos os obstáculos, se eles conseguirem fazer chegar a tempo e em torrente aos campos de batalha as armas fabricadas e as divisões constituídas. Em vista do que o plano alemão de 1942 é impedir os Aliados de empenharem os recursos em frentes decisivas. E eis porque o «Eixo» faz uma guerra de grande estilo contra os transportes, tratando de cortar todas as vias pelas quais o abastecimento atingiria os diversos teatros de operações. Eis porque o «Eixo» se esforça por conquistar os campos de batalha, por exemplo o particularmente precioso do Próximo Oriente que é o domínio do petróleo. O centro de gravidade da guerra em 1942, desloca-se para o sul. Com certeza ainda grandes combates serão travados noutras partes, em Moscovo, em Leninegrado, em Murmansk, isto é em todos os sectores onde os alemães

pretendem destruir o exército russo. Mas tal destruição é gigantesco empenhamento para combinar com a perfuração do Próximo Oriente que feriria duramente os anglosaxões. O principal teatro de operações é, pois, este ano, o espaço que vai do Cáucaso ao Mediterrâneo... Do desfecho da batalha dos cem dias depende a maior ou menor extensão da fase em que a guerra entrou. Devido à conquista das regiões petrolíferas, terá a Alemanha a sorte de fazer prosseguir a luta, ou, a despeito de esgotantes campanhas, ficará sem atingir os seus objectivos, com todas as consequências de tal malogro».

Todos os comentários trazem em si mesmos a precariedade das visões humanas. Julgámos este no entanto tão lúcido que o reproduzimos para orientação de quem nos lê, visto que outro fito não temos ao redigir estas notas.

A ATRACÇÃO DO CÁUCASO



AUCHINLECK

Os acontecimentos que decorreram durante a oitava neste mesmo sentido, ainda não deixam antever soluções nem na Rússia nem no Egipto.

A batalha do Don, depois de dias e dias de empenhamentos que, no dizer dos próprios correspondentes alemães são verdadeiras chacinhas, evoluiu para o Sul. No dia 3, a agência francesa tracejava desta maneira o que estava a passar-se: «1.º) As operações na curva do Don perderam grande parte do seu interesse em comparação com o avanço rápido no distrito de Kuban, ao sul de Rostov; 2.º) No sector em frente de Estalinegrado, as forças alemãs ainda não atravessaram o Don; 3.º) Os ataques contra Estalinegrado são unicamente feitos pela aviação e nenhuma unidade do exército terrestre foi até agora empenhada nas operações dirigidas contra a cidade».

A mesma agência advertia também que, segundo aqueles circulos, a extensão do campo das operações é infinitamente vasta e que se não devem esperar resultados decisivos com rapidez. Isto não exclui de modo algum que as forças russas tenham podido concentrar-se em volta de Krasnodar e na margem direita do Kuban, a tempo e em número suficiente para constituírem uma «frente» de defesa eficaz.

De facto, tudo tem decorrido nestas perspectivas. O principal esforço de Von Kleist, depois dos tenacíssimos combates a sul de Rostov, dirige-se para o sul, ao longo das costas do Mar de Azov e do Mar Negro, para as regiões do petróleo em Maikop e Armavir, alcançando a 7 uma frente em cunha cuja extrema toca em Vorochilovsk, Kropotkin, Tichorestk e Armavir e Timochevsk. A resistência russa apegava-se violentamente à zona costeira cerca do pequeno porto de Jeisk. Krasnodar seria, segundo as últimas notícias, um alvo imediato do general alemão.

Por outro lado, os alemães que entre 4 e 6 deste mês tinham conseguido ampliar a zona conquistada ao Sul do Don, em Tsymlianska e em Salsk, lançaram nesses dias um novo movimento que se dizia ser de grande ofensiva, rompendo para leste, na margem esquerda do rio, desde Kotelnikovo e Ingllskaya, visando ao curso do Volga e a Astrakan sobre o Mar

PARA BOAS FOTOS AO SOLO OU A SOMBRA use película Kodak

● Faz a "foto" onde e quando qualquer outra falha. A venda nas boas casas de artigos fotográficos.

KODAK, LIMITED - 33, Rua Garrett - Lisboa

Cáspio; e ao mesmo tempo, ao norte de Kietskaya procuravam passar o Don para, pelos flancos norte e sul derrubarem a temerosa resistência frontal com que Timochno tem defendido os acessos directos a Estalinegrado, com o centro em Kalach, ao grupo de exércitos alemães que vieram desde Millerovo.

Quais os horizontes destes factos?

Diz a Reuter com clareza no dia 6: «Além dos petróleos de Maikop, estão ameaçados importantes territórios de Kuban, a cidade de Krasnodar com as suas refinarias e a base naval de Novorossisk. A grande questão neste momento é saber se isto acontecerá ou se Timochno será capaz de repeler ou destruir as divisões «Panzer» que avançam para o rio Kuban. A esse respeito deve notar-se que não há ainda qualquer indicação sobre o ponto em que se concentram as principais forças de Timochno e onde é que ele pretende opor uma resistência firme e manter-se. Havia provavelmente mais de 500.000 soldados russos perfeitamente equipados na Bacia do Donetz e na região de Rostov e os próprios alemães admitem que a maior parte deles conseguiu retirar para além do Don. Entretanto, nos outros sectores da frente dão-se combates locais que se podem transformar numa ofensiva em grande escala dos russos na área de Rjev, a cerca de 200 quilómetros ao noroeste de Moscovo. O general Zuhkov conseguiu melhorar duma maneira apreciável as posições das suas tropas e as batalhas sucedem-se com fúria junto da cidade e numa vasta frente ao norte dela». A batalha de Voronej amorteceu, o que faz supor ter sido, agora pelo menos, suspensa a hipótese de uma contra-ofensiva russa, pela concentração absorvente de todos os esforços no sul.

No Egipto a estagnação tem sido completa. Os dois adversários reforçam-se. Romell recebe pelo ar e pelo mar, sob as rajadas da aviação, novas forças. Outro tanto sucede com Auchinleck.

Desta maneira a batalha da Rússia continua a ser o foco essencial da guerra, e a decorrer lenta e ao perpassar do tempo. Até que limites?

MISTÉRIO E NEVOEIRO



CHURCHILL

Esta pergunta é feita neste momento em todo o mundo com tal força que produz uma enorme com o ção pública. Súbitos acontecimentos iam dar-lhe um extraordinário relevo. No dia 4, Stafford Cripps, convocou a Câmara dos Comuns para uma sessão secreta a fim de ouvir uma comunicação do vice-primeiro ministro Atee. Lord Strabolgi procedia do mesmo modo na Câmara dos Lords. Ambas as comunicações demoraram curtíssimo tempo. Que se passara? As emissoras de Ankara, Rio de Janeiro, Lisboa e Istanbul, no dia 5 desparziram uma notícia sensacional: — Churchill tinha ido a Moscovo conferenciar com Estaline. A «Reuter» chegava a adicionar ao seu despacho duas palavras famosas: «segunda frente». Seria assim? A Havas, no dia 6 disparava de Berne: «O correspondente, em Londres, do «Neue Zuercher Zeitung», diz que a circunstância de Churchill não ter comparecido na Câmara dos Comuns, contribuirá para dar foros de verdade ao boato de que o Primeiro Ministro se encontra fora da Grã-Bretanha». Este rumor parece ter dado a volta ao glôbo. No dia seguinte uma outra informação entrava no mesmo sulco daquela: «O Major General Follett Bradley, comandante da arma aérea dos Estados Unidos, chegava a Moscovo, num bombardeiro «Boston», portador de uma mensagem escrita do Presidente Roosevelt para Estaline. E disse que vinha à Rússia com o fim de intensificar o auxílio dos Estados Unidos a este país. «O povo americano aprecia a gravidade da situação mas os presentes reveses soviéticos, fazem parte dos azares da guerra. Esperamos ver o exército russo lançar uma contra-ofensiva». Bradley acrescentava também que os Estados Unidos estão a enviar uma grande quantidade de material de guerra para a Rússia e espera que essa quantidade aumente».

(Continúa na pág. 16)

VIDA MUNDIAL é um jornal que vale por muitos jornais

Vida MUNDIAL ilustrada

As vedetas de assalto, italianas

Crónica naval por Mauricio de Oliveira

NÃO foram muitas as armas secretas que esta guerra, pelo menos até agora, nos revelou.

As minas magnéticas, cujo princípio científico, como se sabe, não constituía novidade, fizeram os seus estragos, mas acabaram por ser neutralizadas com relativa facilidade; os micro-submarinos japoneses, à parte o êxito de Pearl Harbour, onde, pelo visto, todos os êxitos eram fáceis naquele momento, não lograram resultados apreciáveis num ataque similar a Sidney; os visores americanos para aviação e os aparelhos britânicos super-aperfeiçoados para localização de submarinos imersos, têm obtido relativo sucesso, mas nunca em escala tão larga que possam os seus efeitos fazer-se sentir rapidamente no teatro das operações onde são utilizados.

A Marinha italiana tinha também a sua arma secreta, cujo princípio, não sendo novo, se reveste de certo interesse, se bem que os ingleses — os únicos, até hoje, visados por ela — contestem a sua eficiência, pelo menos nas operações levadas a cabo até este momento.

VEDETAS EXPLOSIVAS...

Trata-se das famosas «vedetas de assalto» — assim se designam oficialmente — às quais o alto comando naval italiano confiou já três missões arriscadas, a cujos homens não se pode negar, pelo menos, um admirável espírito de bravura e de sangue frio.

O primeiro «raid» foi levado a cabo contra Malta, no mês de Julho de 1941, quando ali se encontrava ancorada — segundo comunicara a aviação de exploração italiana — uma apreciável força naval britânica.

Cruzadores rápidos italianos conduziram as fúrias embarcações até uma distância relativamente pequena da base de La Valeta e ali as colocaram em pleno mar, naquela noite sereno e calmo, como era indispensável para uma operação com embarcações daquela natureza.

As pequenas vedetas lançaram-se ao assalto e, uma hora depois, estavam diante da estreita boca de La Valeta. Tomaram os enfiamentos. Tudo ia a postos, mas a artilharia costeira deu pelo ataque, acenderam-se projectores e começou um violento contra-ataque. Apesar disso, tentou-se o golpe.

Cada uma das vedetas levava um homem. No momento em que o tripulante tivesse apontado a embarcação ao alvo, um dispositivo especial catapultava-o para a

releaguada, dentro de uma microscópica canoa a motor, na qual o atacante podia retirar a cobertura da confusão e da noite, para junto dos navios-bases que o aguardavam a certa distância.

A vedeta, que não é senão um torpedo, tendo acondicionado, a meio, a canoa-automóvel de retirada, iria depois explodir ao contacto com o navio contra o qual fôra apontada. Este processo, em que a vida do homem que conduz o instrumento de ataque é garantida com um mínimo de probabilidades, terá muitas vezes, e em determinadas circunstâncias, o inconveniente de não permitir que a «vedeta-torpedo» mantenha até ao fim o rumo que inicialmente lhe tenha sido dado.

Quando do ataque a Malta, os ingleses anunciaram um insucesso completo, o afundamento e explosão de várias «vedetas de assalto» antes de atingirem os alvos e a retirada precipitada das restantes. Seja, porém, como fôr, a arma estava lançada e seria impossível evitar novas tentativas no género, em outros pontos do Mediterrâneo. Elas não se fariam esperar, de resto, por muito tempo.

ATAQUE DE SURPRESA A GIBRALTAR

A segunda façanha das «vedetas de assalto» italianas verificou-se logo no mês seguinte ao do «raid» a Malta — em Agosto de 1941.

As embarcações-torpedo foram colocadas na água, pelos pous de carga de alguns cruzadores italianos, a umas vinte milhas de Gibraltar, cujos serviços de exploração marítima não deram pela aproximação do grupo naval inimigo.

Gibraltar é mais fácil de atacar, numa acção deste estilo, do que Malta. Navegando a uma grande velocidade, as «vedetas de assalto» passaram por cima — dado o seu pequeno calado — das barragens de rédes e de minas que defendem o fundeadouro militar, os homens foram catapultados e os engenhos seguiram na sua corrida fatal. Ouviram-se algumas explosões e o comunicado inglês do dia seguinte falava de perdas **se bem que mínimas**.

A experiência de Malta dera os seus ensinamentos e os resultados obtidos em Gibraltar eram, talvez, encorajadores para novos e mais largos cometimentos. Se é certo que, de acções desta natureza, não regressam muitos dos homens nelas empregados, só os comandos italiano e britânico sabem até que ponto as perdas humanas terão sido compensadas pelos estragos materiais.

DIANTE DE ALEXANDRIA...

Decorreram alguns meses e, em

Janeiro deste ano, a serenidade e o silêncio de Alexandria eram perturbados, certa noite, por uma série de explosões: estavam ao largo, a essa hora, em rápida retirada, as canoas a motor, conduzindo homens audaciosos que haviam apontado, para dentro do pórtico, as suas terríveis «vedetas de assalto».

O comunicado de Roma anunciou novo êxito, afirmando mesmo que entre as unidades britânicas atingidas, figurava um navio de linha.

Pouco se tem escrito sobre estes engenhos da ataque da Armada italiana, mas é positivo que diferem profundamente, senão na concepção pelo menos na técnica de acção, do torpedo humano com que o engenheiro italiano Rossetti meteu no fundo, em 1 de Novembro de 1918, na baía de Pola, o coraçado austríaco «Viribus Unitis». Esse torpedo humano, sobre o qual se dispunha o homem que o manejaria, munido de escafandro, podia passar em imersão através das rédes de aço contra submarinos, ao passo que no caso actual, a vedeta salta por cima dessas barragens, auxiliada pela sua grande velocidade.

Também se pretendeu que, no caso particular do ataque a Malta, dada a dificuldade em «apontar» o engenheiro para dentro do pórtico, teriam sido utilizados propriamente torpedos humanos (princípio Rossetti) se bem que esta versão não seja confirmada pela defesa costeira daquela ilha.

Num caso ou noutro estamos em presença de uma organização de ataques perigosos, contra os quais só se poderá opor uma vigilância mais apertada num extenso raio de acção diante das bases susceptíveis de serem atacadas.

A CAMINHO DO MAR NEGRO...

A margem das «vedetas de assalto», se bem que com características e utilização inteiramente diferentes, não deixa de ser curioso registrar a aparição e as acções das vedetas-torpedeiras italianas, propriamente ditas, no Mar Negro.

Com as suas máquinas e armas desmontadas, por forma a tornar os cascos tão leves quanto possível, foram as vedetas transportadas em grandes vagonetas, rebocadas por potentes tractores, atravessando assim as montanhas e os difíceis caminhos desde o litoral adriático até ao Damúbio, pelo qual seguiram então velozmente, e já pelos seus próprios meios, a caminho do Mar Negro.

Foram travessias penosas, através das neves, em subidas íngremes ou em descidas perigosas pelas ravinas, aquelas que as vedetas designadas para a luta no Mar Negro tiveram de efectuar para poderem dar começo à sua importante tarefa contra a frota soviética que, naquêlê mar inte-

rior, navegava prauicamente livre, à parte a presença da pequena marinha de guerra da Roménia, que não conta mais de quatro contra-torpedeiros, três torpedeiros, três submarinos e um certo número de navios auxiliares.

A presença das vedetas italianas no Mar Negro viria assim a reflectir-se de maneira, senão decisiva pelo menos muito importante, na marcha das operações navais.

No Mediterrâneo ou no Mar Negro as vedetas italianas têm o seu lugar conquistado por direito próprio e tempos virão em que se conhecerá mais profunda e exactamente o valor e a extensão do seu esforço de guerra.

MEDICINAL

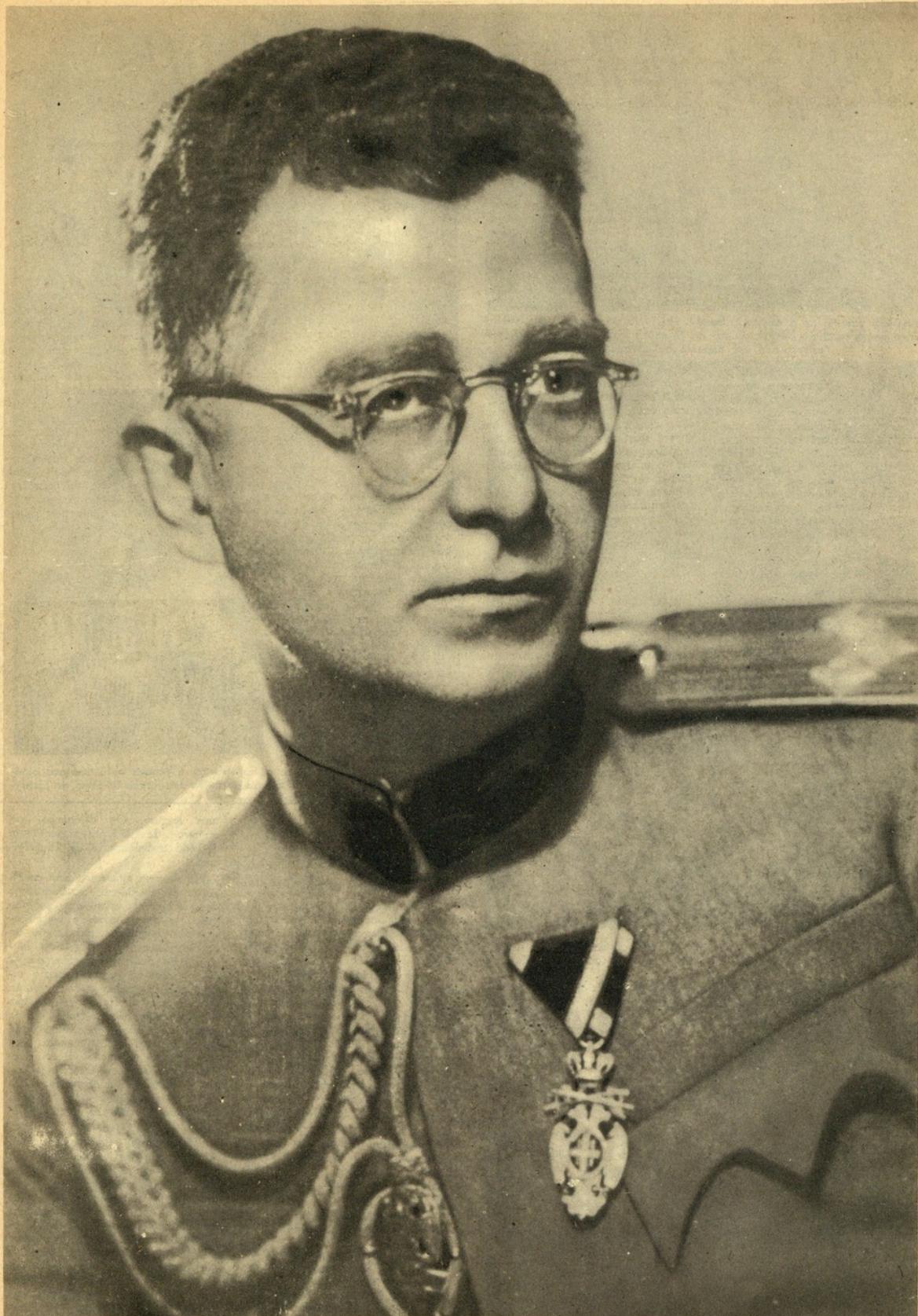
PASTA **COUTO**

TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou bismuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

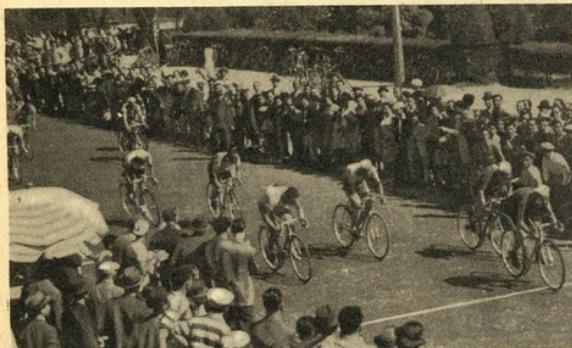
Couto, Lda. Pôrto



O GENERAL DE CORPO DE EXÉRCITO, Dragoljub Mihailovich, ministro iugoslavo da Guerra, da Marinha e da Aviação, combatente das guerras de 1913, contra a Bulgária, e de 1914-18, e que, após a campanha dos Balcãs e a capitulação do exército do seu país, organizou a resistência sérvica com a formação de guerrilhas que têm continuado as operações contra as tropas de ocupação.



CASCAIS esteve, no domingo passado, em festa por motivo das solenidades comemorativas da procissão da Senhora dos Navegantes. A foto mostra-nos um aspecto da cerimónia.



UM ASPECTO das corridas promovidas no domingo passado, no Estoril, por ocasião da realização do Dia da Bicicleta, que decorreu brilhantemente.



O ENFERMEIRO MOR DOS HOSPITAIS cumprimentando o sr. dr. João A. Cid dos Santos, na cerimónia da posse do lugar de cirurgiãodos H. Civis



NA SEMANA PASSADA, partiu para as ilhas mais um contingente de tropas. A foto mostra-nos um aspecto da formatura antes do embarque.



GRUPOS DE CRIANÇAS que se encontram a passar as férias nas colónias de verão. Em cima: na Colónia de Belas das Juntas de Freg, de Lisboa

PANORAMA INTERNACIONAL

(Continuação da pág. 13)

Os embaixadores inglês e norte-americano encontravam-se com Bradley nesse dia na capital russa. Havia cinco dias que a imprensa da histórica cidade reproduzia notícias dos jornais ingleses acerca das reuniões das Trad-Unions americanas pedindo a abertura imediata da segunda frente, e lembrava «o auxílio que a Rússia deu aos seus aliados na Grande Guerra!» Os jornais europeus desse dia 6, publicavam ostensivamente a seguinte informação londrina:

«Uma mensagem para Churchill, em que se pede a abertura imediata de uma segunda frente na Europa, foi entregue em Downing Street pelos trabalhadores da indústria aliada de engenharia, da área da «Grande Londres». Nela se diz: — «Hitler pode ser derrotado em duas frentes na Europa e estamos prontos a fazer os sacrifícios necessários que uma segunda frente nos pediria. Não podemos consentir por mais tempo que a União Soviética seja a única a sofrer e a sacrificar-se. O nosso país está em perigo e a nossa honra arriscada nesta conjuntura. Se uma segunda frente não for aberta imediatamente, pode ser que venha demasiado tarde. Pedi-

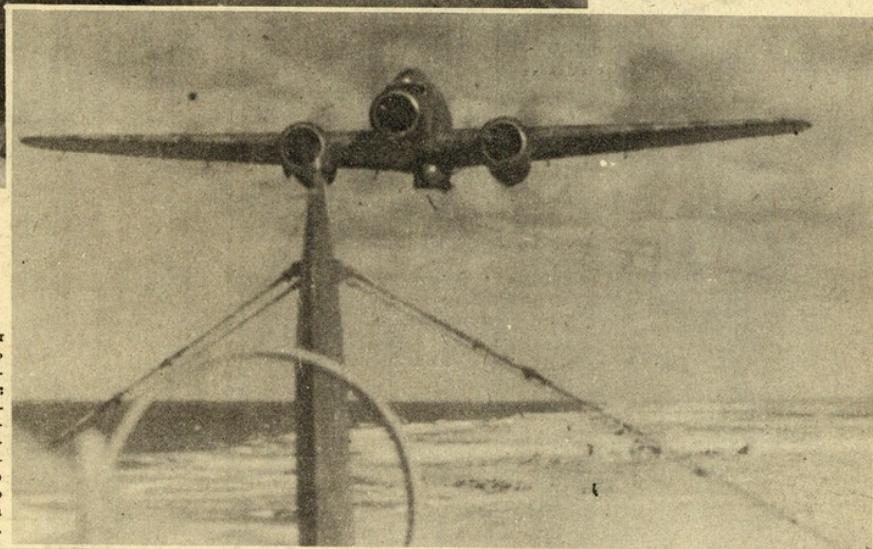
mos acção». Os delegados, em número de 171, representavam 105.686 trabalhadores de 78 fábricas».

Na véspera aparecera uma declaração do Presidente da Federação dos Mineiros, após uma reunião entre os proprietários e os trabalhadores das minas, para tratar do estabelecimento da Comissão Nacional de Salários, à «Reuter»: — «Todos nós nos encontramos a vibrar pela magnífica prova prestada pelos vossos colegas russos. Em nome de todos os que trabalham na indústria de minas, eu prometo que responderemos ao seu apelo para uma maior produção. Reconhecemos que a segunda frente nos trará, à indústria, muito maior responsabilidade, mas saber-lhe-emos corresponder não só em espírito mas à letras».

...E a oitava fechou quando von Runstedt, de pleno acôrdo com Laval, ordenava a mobilização geral das polícias francesas para se aprontarem a repelir qualquer invasão, e Hitler, num novo lance da sua política externa, dava os primeiros passos diplomáticos para, tal como Napoleão, organizar o que passou a chamar-se «a defesa das costas marítimas sobre o Atlântico». E vozeada pelas emissoras de Berlim, da América e de Londres, esta sobrecarga de informação mais cerradas deixou as névoas misteriosas do momento internacional.

8-8-1942

Imagens da **ITALIA** na guerra



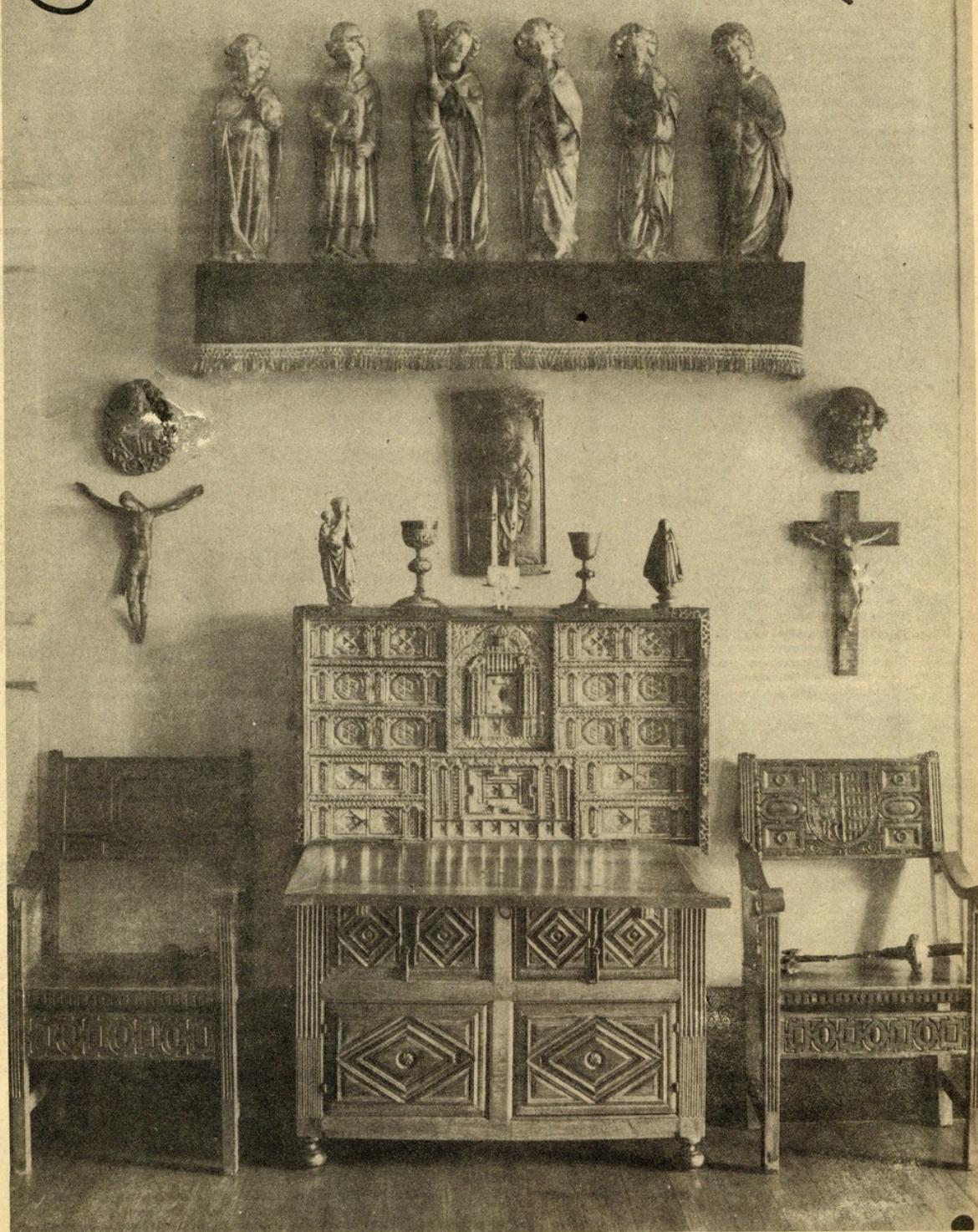
EM CIMA — A tarefa preliminar dum «raid» da aviação de bombardeamento italiana: A inspeção dos mecânicos a um aparelho numa base da Sicília. A DIREITA — Impressionante foto dum avião torpedeiro italiano, atacando um comboio inimigo.



A ESQUERDA — Um instante da frente egípcia: As guarnições das baterias anti-aéreas italianas correm para os seus postos ao avistar-se no ar um avião inimigo.

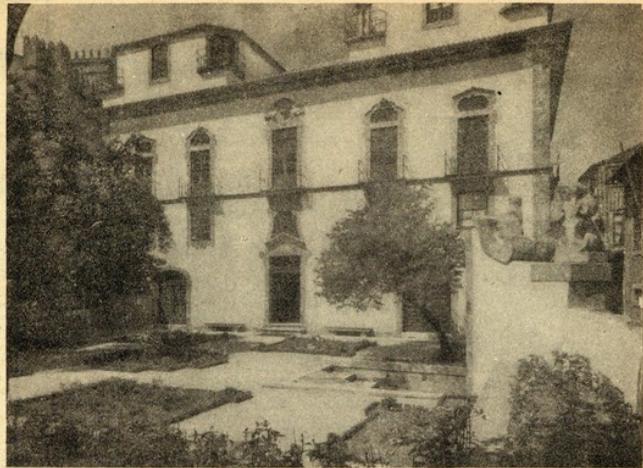
JUNQUEIRO e Bric-à-Brac

Reconstituiu-se no Porto a sua Casa Museu



UM FAMOSO RECANTO DA SALA a que Junqueiro chamava a «Sala Catedral» — e que é um repositório de verdadeiras obras primas.

Inaugurou-se, há pouco, na cidade do Pôrto, a Casa-Museu Guerra Junqueiro. Esta iniciativa que encontrou, desde logo, o mais fervoroso acolhimento na edilidade portuense a que preside um sábio que é um homem de letras — o dr. Mendes Corrêa — deve-se às senhoras D. Filomena e D. Maria Isabel Guerra Junqueiro, respectivamente viúva e filha do poeta e para quem éste (benditos certos corações de mulher) continua sempre a viver no amor, na contemplação e na saúde. Guerra Junqueiro viveu largos anos, no Pôrto, numa casa da Rua de Santa Catarina; mas não foi nesta casa que se organizou agora o museu junqueiriano, digamos assim: foi num velho solar do século XVIII, perto da Sé, e no qual Junqueiro habitou também algum tempo. Foi aqui, sob o olhar constante de sua filha e com o concurso da Câmara Municipal da nobre cidade do Douro, que se reviveu agora a Casa do Poeta, procurando-se reproduzir o ambiente espiritual que envolveu o autor dos «Simples» e dar, assim, ao visitante a radiosa sensação de que o poeta, ainda que momentaneamente ausente, continua a viver ali. A «Vida Mundial Ilustrada» publica hoje alguns aspectos da actual casa junqueiriana, a que não faltarão visitantes. Luiz de Oliveira Guimarães evocou recente-



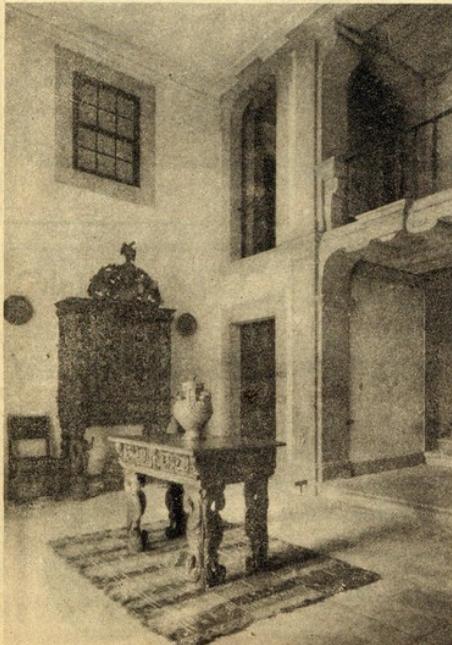
ASPECTO EXTERIOR DA CASA-MUSEU de Junqueiro — uma obra de esquinho



EM CIMA — Um recanto de passagem onde apetece ficar. EM BAIXO — O átrio onde é logo a sombra imaginária do Poeta que nos recebe



EM CIMA — A SALA DE D. JOÃO V, uma das mais belas do museu do Poeta
EM BAIXO — A SALA DE JANTAR com a sua maravilhosa coleção de loiças



mente, na calma atmosfera do Museu do Carmo, uma das facetas mais curiosas, embora menos estudadas, de Junqueiro: o Junqueiro colecionador de coisas de arte. É esse Junqueiro que a nossa evocação verá, desde logo, passeando, numa névoa de sonho, através das salas que as fotografias reproduzem, entre verdadeiras reliquias artísticas. Casa de poetas, casa de felicidade — disse um poeta. Assim é. Mas felicidade completa, absoluta, seria se Junqueiro vivesse ainda e fôsse — éle próprio a receber os seus hóspedes... Da imortalidade, porém, a sua alma eterna nos seguirá.



NA FEDERAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE MOAGEM, efectua-se recentemente uma festa para distribuição de prémios aos empregados vencedores de provas desportivas. Na foto, vê-se a sr.ª D. Maria Estrela Faria de Sousa, procedendo à entrega dos prémios. Na mesa de honra, vêm-se os membros da Direcção da Federação.



UM GRUPO DE SENHORAS que assistiu à festa recentemente efectuada na Federação Nacional dos Industriais de Moagem.



© GENERAL CHARLES DE GAULLE chegou recentemente ao Cairo onde vai principiar a sua visita de inspecção às posições das nações aliadas no Próximo Oriente. A foto mostra-nos o chefe da organização «França Combatente» com a Rainha Isabel de Inglaterra, durante a visita a um hospital de feridos de guerra.



O
VINHO do PORTO
dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA



ALEMÃO-ITALIANO
FRANCÊS-INGLES

Aprende-se o que se quer com os
discos próprios para o ensino de línguas,
gravadas pelos melhores professores

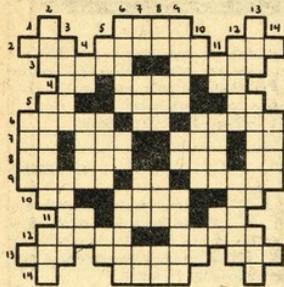


Est. Valentim de Carvalho
R. Nova do Almada, 97

VARIEDADES

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 36



Dr. Diniz

HORIZONTAIS: 1 - Habitação; 2 - Semelhante; Súcia; Embocadura. 3 - Tunda (pl.); Finalmente. 4 - Tua; Viver; O. 5 - Até; Esquisito; Gemido. 6 - Calcar; Batráquio; Cão. 7 - Caminhar; Merecimento; Cúme; Graciosa. 8 - Instrumento; Outa; Zombir; Seguir. 9 - Venera; Pedra em que se amolam instrumentos cortantes; Cara. 10 - Vento; Saco de couro; Eia. 11 - Chefe; Rezar; Ruim. 12 - Reccio; Tolera. 13 - Não; Alface; Patroa. 14 - Plano.

VERTICAIS: 1 - Pessoa gorda e baixa. 2 - Dificuldade; Extração; Possuir. 3 - Padrão (pl.); Lei. 4 - Siga; Traição; Certo. 5 - Aqui; Rumo; Esses. 6 - Unir; Viçiosa; Viver. 7 - Clima; Família; Invenção; Ali. 8 - Sua; Liga; Cartel; Artigo plural. 9 - Avarento; Abreviatura de Doutor; Charrua. 10 - O mais; Polir; Tua. 11 - Lealdade; Engano; Mulo. 12 - Prender; Campo cultivado. 13 - Colorido; Excita; Senhor. 14 - Dinheiro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA n.º 35

HORIZONTAIS: 1 - Ut; Mil; Col; Bi. 2 - Dar; Ria. 3 - Sôr; Pôr; Bio. 4 - Tarear; Aréola. 5 - Al; Tu; Sol; Er. 6 - Cam; Mór. 7 - Ni; Bua; Um. 8 - Aro; Ema. 9 - Em; Upa; Cio; Lá. 10 - Rentar; Ranguê. 11 - Lei; Oto; Ira. 12 - Ola; Aca. 13 - Oro; Ora.

VERTICAIS: 1 - Um; Tal; Ser; Xó. 2 - Sal; Mel. 3 - Dôr; Cia; Neo. 4 - Marêta; Rutilo. 5 - Ir; Aum; Opa; Ar. 6 - Pró; Aro. 7 - Ho; Fuá; Tô. 8 - Rás; Cró. 9 - Ar; Rom; Eia; Ar. 10 - Libêlo; Mônica. 11 - Aio; Rua; Grã. 12 - Olé; Lua. 13 - Io; Ara; Bê; Ri.

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL



Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12.45	Noticiário	GRU	31.75 m. (9.45 mc/s)
		GRV	24.92 m. (12.04 mc/s)
14.15	Noticiário	GRZ	13.86 m. (21.64 mc/s)
		GRU	31.75 m. (9.45 mc/s)
14.30	Actualidades	GRV	24.92 m. (12.04 mc/s)
		GSB	31.55 m. (9.51 mc/s)
23.00 (*)	Noticiário	GRX	30.96 m. (9.69 mc/s)
		GRT	41.96 m. (7.15 mc/s)
		GSB	31.55 m. (9.51 mc/s)
23.15 (*)	Actualidades	GRT	41.96 m. (7.15 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas curtas de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).



Emissões dos ESTADOS UNIDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Dias	Ondas curtas
9.15	Segunda-feira	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. (9.67 mc/s)
10.30	Segunda-feira	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. (9.67 mc/s)
20.15	Segunda-feira, Sexta-feira	25.40 m. (11.79 mc/s)
		30.90 m. (9.70 mc/s)
21.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15.33 mc/s)
		31.02 m. (9.67 mc/s)
21.45	Sábado, Domingo	31.02 m. (9.67 mc/s)
		19.56 m. (15.33 mc/s)
23.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15.33 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

MENTIRAS

comvehetorah

5

POR ZECO



— Oh! Que massada! Só tenho dez escudos. Bem. Não compro os bilhetes.

— Tem paciência, filha. Já não havia balcões.

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

BELDEMÓNIO escreveu uma vez — verdade seja que já lá vão 50 anos — que em Lisboa se verificava um fenómeno cuja exactidão inúmeras vezes se constatara: havia dias exclusivamente de mulheres feias e havia dias exclusivamente de mulheres bonitas. Vendo bem daqui resulta que, em certos dias, se não podia sair à rua sem o risco de voltar para casa enervado, quasi desgostoso da vida, e noutros um simples passeio pela Baixa tinha qualquer coisa de verdadeiro regalo para o «touriste» inteligente a quem os olhos se enchiam amoravelmente de bons e bonitos espectáculos. Quere dizer, segundo Beldemónio: encontrada no Chiado ou na rua do Ouro uma mulher feia seguir-se-iam feias; encontrada, porém, uma mulher bonita era mais que certo que todas quantas lhe seguissem seriam finas, encantadoras, adoráveis, maravilhas de graciosidade e de «toilette», numa palavra, a bemaventurança em mulher. Se o autor das «Viagens no Chiado» pudesse ressuscitar, neste momento, e tivesse de pronunciar-se sobre este grave problema cidadão, talvez não afirmasse o mesmo. Todos os dias as ruas se povoaam agora de mulheres bonitas e feias (atrás duma bruxa grotesca vem quasi sempre uma beleza de Juno) e temos de reconhecer que este xadrez feminino se encontra mais bem doseado em 1942 — do que em 1892! Aquêles para quem, femininamente, o passado é tudo, devem reconhecer certas compensações no presente.

DOIS MINUTOS DE SILÊNCIO

TALVEZ nem todos saibam que a homenagem expressa nos «dois minutos de silêncio» é de origem portuguesa. Quando faleceu, em 1912, o estadista brasileiro Barão do Rio Branco, e esta noticia foi comunicada ao Senado português, o presidente desta Assembleia propôs que, em sinal de respeitoso luto, se observassem dois minutos de silêncio. Alguns anos mais tarde a Inglaterra, em hipótese semelhante, adoptou idêntico critério — que não tardou a ser seguido em muitas nações.

A MULHER E A ARANHA

LI uma vez em Benard Shaw que a mulher espera o homem como a aranha espera a mosca. Deve ser por isto que no capitulo mulheres os homens se vêem, muitas vezes, às aranhas...

TEATRO MUSICADO

LISBOA não tem presente-mente uma única peça em cena de género ligeiro musicado — não obstante ter cinco teatros a funcionar. Razão tinha certo amigo nosso, o engenheiro Mariz Fernandes.

D. DENIZ, O TRABALHADOR



Há apelidos que, basta pronuncí-los, para nos aflorarem ao pensamento inúmeros pensamentos. Por exemplo, este apelido «Bordalo Pinheiro». O que estas duas simples palavras, juntas um dia como duas mãos amigas, invocam em nós! Em boa verdade, os Bordalo-Pinheiros — será assim que se diz no plural? — não constituem apenas uma família mais ou menos numerosa: constituem, nos domínios da arte, do jornalismo e da elegância de espírito e de maneiras, uma autêntica dinastia reinante. Desde Rafael Bordalo até Columbano, desde Manuel Gustavo até Pedro Bordalo, desde D. Maria Augusta — a delicada Musa das Rendas — até Diniz Bordalo, cujo espírito de «smoking» preside ao velho «Jornal do Comércio», estes «Bordalo-Pinheiros» formam um curiosíssimo capítulo na história da sociedade portuguesa das últimas décadas. Não sei quem afirmava que estes Bordalos descendiam daquêles veneráveis pinheiros que D. Diniz mandou plantar para glória e proveito de Portugal. Há nesta «blogue» muito de aproveitável. A dinastia dos Bordalos merece, sem dúvida, que lhe tiremos rasgadamente o chapéu. A nossa embora obscura homenagem de hoje dirigida a um dos príncipes reinantes dessa dinastia — o jornalista Diniz Bordalo Pinheiro — envolve ainda no seu afectuoso significado, uma homenagem a toda uma família respeitável para quem o trabalho constituiu sempre o seu braço de armas. Diniz Bordalo é uma pessoa estruturalmente modesta. Com dificuldade o arrancam para a publicidade. Pois desta vez ele aqui está em plena Calçada da Glória para receber o nosso aplauso. Verdade seja que o trouxemos — pelos cabelos...

ao dizer-nos há dias num vago sorriso: — Vou amanhã ao Pôrto ver uma revista...

BELEZAS

AFIRMAM os moralistas: — A beleza física é um reflexo da beleza moral.

Comentam os cépticos: — Nesse caso porque é que as mulheres bonitas são perigosíssimas?

DR. BETTENCOURT MACHADO

O distinto médico sr. dr. Bettencourt Machado, considerando a crise, da gasolina, tomou o

partido de substituir o seu «30 cavalos» por dois cavalos «pur sang». Felicitamo-lo pela sua medida com este grito fervoroso: — Hip! Hip! Hipodromo!

O VENTO

Anortada, principalmente em toda a linha de Cascais, tem estado duma impúdica agressividade. Então as saias das senhoras têm andado num badanal.

Oh! A imoralidade do vento! E não o prendem...

OS CAFÉS

O poeta Silva Bastos propo- cionou, há dias, a algumas pessoas amigas, um agradável serão literário. Ai tive ocasião de ouvir o ilustre poeta Ramiro Guedes de Campos — cujo último livro *Dia Perdido* é um dia bem ganho — recitar uns versos que não resisto a deixar gravados nesta esquina da Glória. Intitulam-se «Cafés». Ei-los:

*Nas mesas redondas
Chávenas redondas.
Em curvas redondas
Sobe no ar o fumo,
Levanta-se a prumo
Em densas espiras.*

*A roda das mesas,
Cabeças redondas
De calvas redondas,
Barrigas obesas.*

*E, num vai-vem de ondas,
Vêm, vão, espalham-se,
Cruzam, baralham-se,
Sem norte e sem rumo,
Tal qual como o fumo,
Em densas espiras,
Das bocas redondas,
As mesas redondas,
Redondas mentiras.*

GLÁDIO

A Livraria Clássica Editora lançou agora uma colecção, bastante curiosa, a que deu o título uma espada de dois gumes, perigosa, de Gládio. Gládio é, como sabem, por consequência, Mas este Gládio, mesmo que, fosse além dum nome literário, seria, nas mãos dos escritores Teixeira, uma espada em que os dois gumes — fossem duas folhas de rosa...

CRIANÇAS

CONTARAM-NOS há dias que um neto do general Anacleto dos Santos foi recentemente ao Jardim Zoológico. Viu o elefante; depois viu a girafa, e, ao ver esta, o petiz não se conteve que não exclamasse, num grito de espanto: — Ai que a girafa engoliu a tromba do elefante!

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



**NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS**

Horas	Estações	m.	Kc/s
9.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
13.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
15.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
23.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
23.40 Noticiário		Ondas médias	
		m. 221.1	
		m. 263.2	
1.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330
CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA			
22.20 (Domingo)		m. 25.70	Kc/s 11.695
22.20 (Quarta-feira)		m. 30.52	Kc/s 9.830

eta

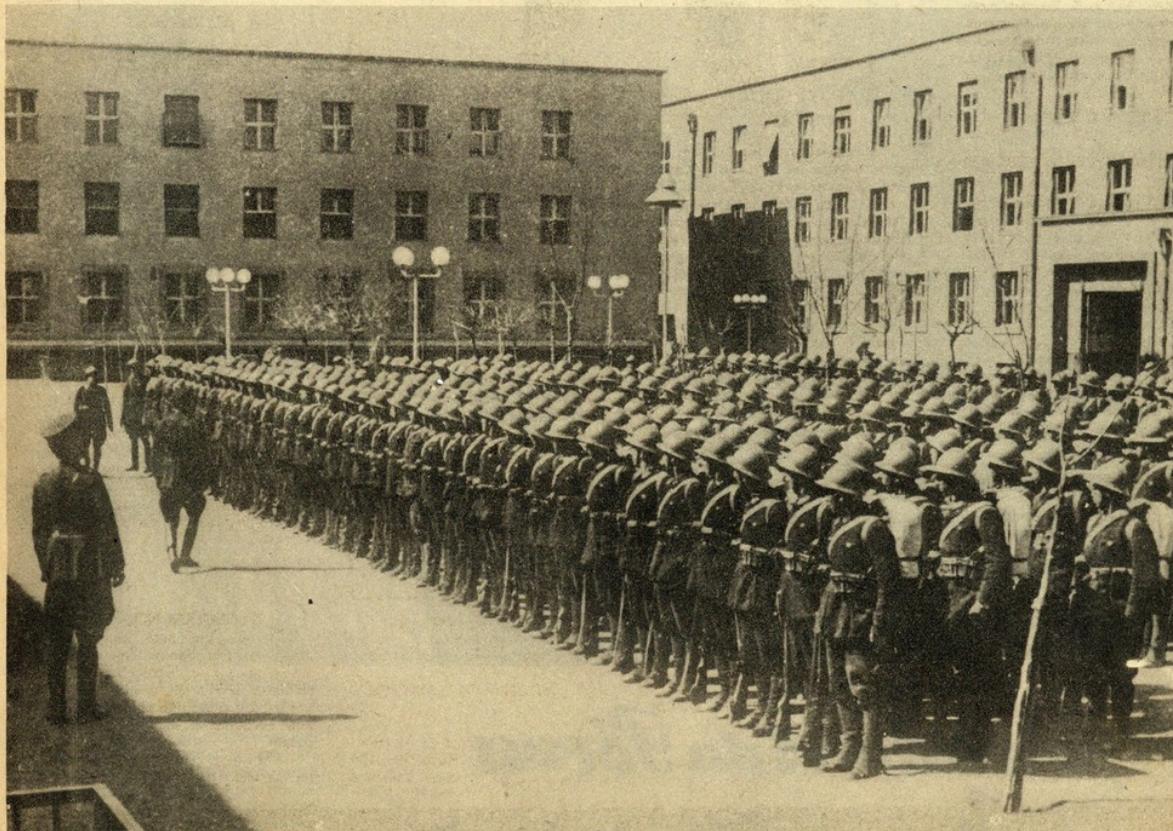
1 máquina fotográfica
1 estojo pronto
3 rolos "ferrania"

150\$00

J.C. ALVAREZ, L. DA
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

205-RUA AUGUSTA-207-LISBOA

ETP 1142



A TURQUIA volta a estar em foco, mercê da situação no Cáucaso e no Próximo Oriente e da subida de Sara Jöglü à Presidência do Conselho. O novo chefe do Governo voltou a afirmar o desejo do país de manter uma neutralidade absoluta. Entretanto, o seu exército continua preparado para qualquer eventualidade. Aqui vemos uma formação de tropas turcas equipadas com armamento inglês. — (Foto «Britanova»)



Os pescadores da Póvoa

Num novo filme português

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

DOMINGOS BELA-FLOR, o «João Moço» é um dos pescadores que Leitião de Barros foi buscar à multidão anónima dos homens do mar da Póvoa do Varzim para d'ele fazer interprete do seu filme «Ala, Arribal» que brevemente se estreia em Lisboa. Domingos Bela-Flor apparecer-nos-á no cinema como protagonista daquela produção da Tobis Portuguesa — feita com a colaboração de dois grandes nomes de artistas: Alfredo Cortez e Rui Coelho